

BIODEGRADÁVEIS

**FICHEIROS
SECRETOS**

ANA VITORINO / CARLOS COSTA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

BIODEGRADÁVEIS

FICHEIROS

SECRETOS

ANA VITORINO / CARLOS COSTA

POSFÁCIO
JORGE PALINHOS

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

coleção dramaturgia

A coleção DRAMATURGIA dedica-se à escrita para teatro, acolhendo clássicos, modernos e contemporâneos, autores consagrados e emergentes, com atenção especial dedicada aos processos de transformação da escrita de palco. A coleção apresenta no espaço da língua portuguesa uma proposta editorial de referência no domínio do teatro, propondo edições criteriosas e acompanhadas de aparato crítico.

WWW.UC.PT/IMPRESA_UC/CATALOGO/DRAMATURGO

DIRETOR *MAIN EDITOR*

Fernando Matos Oliveira UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DIRETORES ADJUNTOS *ASSOCIATE EDITORS*

Alexandra Moreira da Silva UNIVERSITÉ SORBONNE NOUVELLE - PARIS 3

Rui Pina Coelho ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

ASSISTENTES EDITORIAIS *EDITORIAL ASSISTANTS*

Marisa Rodrigues dos Santos TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE

Elisabete Cardoso TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE

CONSELHO EDITORIAL *EDITORIAL BOARD*

Ana Isabel Vasconcelos UNIVERSIDADE ABERTA

Christine Zurbach UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Francisco Frazão CULTURGEST

José Augusto Cardoso Bernardes UNIVERSIDADE DE COIMBRA

José Da Costa UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

João Maria André UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Luiz Fernando Ramos UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Manuel F Vieites ESCOLA SUPERIOR DE ARTE DRAMÁTICA DE GALICIA

Maria de Fátima Sousa e Silva UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Maria João Brilhante UNIVERSIDADE DE LISBOA

Marie-Amélie Robilliard MAISON ANTOINE VITEZ - PARIS

Marta Teixeira Anacleto UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Pedro Eiras UNIVERSIDADE DO PORTO

BIODEGRADÁVEIS⁵

FICHEIROS

SECRETOS⁸⁵

POSFÁCIO¹⁶³

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

COORDENAÇÃO EDITORIAL
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
E-MAIL imprensa@uc.pt
URL www.uc.pt/imprensa_uc
VENDAS ONLINE livrariadaimprensa.uc.pt

FOTOGRAFIA
Susana Neves TNSJ
João Tuna TNSJ

CONCEPÇÃO GRÁFICA
António Barros

PAGINAÇÃO E COMPOSIÇÃO GRÁFICA
Pedro Góis PIMC/UC

EXECUÇÃO GRÁFICA
www.artipol.net

ISBN
978-989-26-1178-5

ISBN DIGITAL
978-989-26-1179-2

DOI
<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-1179-2>

DEPÓSITO LEGAL
409839/16

© MAIO 2016
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA ' TACV

BIODEGRADÁVEIS

Biodegradáveis apresentou-se de 6 a 16 de novembro de 2014 no Teatro Carlos Alberto no Porto, numa coprodução com o Teatro Nacional São João.

TEXTO E DIREÇÃO Ana Vitorino, Carlos Costa CENOGRAFIA E FIGURINOS
Inês de Carvalho BANDA SONORA ORIGINAL, SONOPLASTIA, GRAFISMOS
E VÍDEO João Martins DESENHO DE LUZ José Carlos Coelho COCRIAÇÃO
Catarina Ribeiro Santos e Cristóvão Carvalheiro (Porta 27)
INTERPRETAÇÃO Ana Vitorino, Carlos Costa, Catarina Ribeiro Santos,
Cristóvão Carvalheiro COPRODUÇÃO Visões Úteis / TNSJ
COLABORAÇÃO IPATIMUP - Instituto de Patologia e Imunologia
Molecular da Universidade do Porto, GRUPO 3B's - Biomateriais,
Biodegradáveis e Biomiméticos da Universidade do Minho
APOIOS Adão Oculistas, Ornimundo

O VISÕES ÚTEIS É UMA ESTRUTURA FINANCIADA POR: GOVERNO DE PORTUGAL,
SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA, DIREÇÃO GERAL DAS ARTES







SAÚDE HIGIENE
SEGURANÇA

RATOS UNIDOS
EM GREVE

UM

Três seres sentados. O SER 1 tem dificuldade em manter-se direito e parece fraco. O SER 2 senta-se confortavelmente e tem um pacote de grissinis na mão. O SER 3 está encolhido e tem um ar desesperado.

SER 1 - Estão bons?

SER 2 (*afirmativamente, enquanto come*) - Hm hm.

O SER 3 geme.

SER 1 - Como é que tu ficaste com tantos?

SER 2 - Não sei, calhou... (*come*)

O SER 3 geme mais alto.

SER 2 (*para o SER 3*) - Shh!

O SER 3 olha para ela suplicante.

SER 2 - Não venhas outra vez fazer de coitadinho!

SER 3 (*guincha*) - Dá!

SER 2 (*imitando-o*) - Dá!

SER 3 - Dá!

SER 2 - Dá!

O SER 3 geme mais.

SER 1 - Ele está a ficar fraco.

SER 2 - Mas não precisa de fazer tanto barulho!

SER 1 - Tu podias dar-lhe um bocadinho... Se não ele não vai aguentar muito mais.

O SER 3 começa a esticar-se para roubar o bocado de comida que o SER 2 tem na mão.

SER 2 - Eu não posso dar, se não daqui a pouco fico sem nada!

SER 1 - Claro...

SER 2 - Tenho que poupar, já só tenho estes!

SER 1 - Pois, tens razão. “Só” tens esses...

O SER 3 consegue finalmente roubar o resto de grissino da mão do SER 2. Come ferozmente.

SER 2 (*zangada*) - Mau! Mau! Ladrão! Ai, não se faz!

SER 3 - Amiga!

SER 2 - Amiga?

SER 3 (*estendendo a mão*) - Dá! Fome! Amiga!

SER 2 - Pronto, eu dou um bocadinho. Mas é o último!

SER 3 - O último!

SER 2 - O último!

(dá-lhe um bocado de grissino, ele engole rapidamente)

SER 3 - Mais!

SER 2 - Foi o último!

SER 3 (*estendendo a mão*) - O último!

SER 1 (*para o SER 2*) - Ele não percebe...
está a ficar desesperado.

SER 2 - Toma! (*atira um bocado para o chão*)

O SER 3 lança-se ao chão. O SER 1 tenta reagir e ir também, mas não tem reflexos suficientemente rápidos.

O SER 3 agarra a comida, volta a sentar-se e mastiga ferozmente.

Faz uma festa no cabelo do SER 2.

SER 3 - Amiga!

SER 2 - É... amiga, mas não me chateies mais!

O SER 3 continua a mexer-lhe no cabelo. Ela fica incomodada.

SER 2 (para o SER 1) - Ajuda-me! Faz qualquer coisa para me livrar dele.

SER 1 (para o SER 3) - Vem cá!

SER 1 e SER 2 trocam de lugar. O SER 3 estica-se para tentar chegar ao SER 2. O SER 1 agarra-o e impede-o.

SER 1 - Não, não. Descansa um bocadinho agora.

SER 3 (alto) - Dá!

SER 1 - Olha, não pode ser assim, à bruta! Temos de nos unir, trabalhar juntos, e tentar convencê-la, percebes?

SER 3 (esticando-se) - Sim! Dá! DÁ!

SER 1 - Espera! Ela vai dar, não vai?

SER 2, relutante, dá dois pedaços de grissino ao SER 1.

SER 2 - Não há mais! Estão a ouvir? Acabou!

O SER 1 fica com um bocado e dá o outro ao SER 3.

SER 1 - Agora guarda! Estás a perceber?

SER 3 (concordando) - Guarda!

SER 1 - Guarda para depois!

O SER 3 engole o seu bocado de uma vez.

SER 1 (entredentes) - És mesmo estúpido.

SER 3 (para o SER 2) - Tudo!

SER 2 (*rindo*) - Querias!

SER 3 (*ficando agressivo*) - Quer tudo! Dá tudo! Dá, ou vai doer!

SER 1 - É melhor dar-lhe mais qualquer coisa. Ele tem mais força que nós os dois juntos!

SER 2 (*para o SER 3*) - Pronto, olha: Vai para ali que eu dou-te. (*aponta para longe*)

O SER 3 *afasta-se um pouco e com dificuldade na direção que ela apontou. Pára, expectante.*

SER 2 - Longe! (*ele afasta-se mais*) Mais longe.

(*ele afasta-se mais*) Mais longe. (*ele está já no limite da cena*)

Isso! Mais longe! (*ele sai de cena*) Pronto.

O SER 2 *continua a comer. O SER 1 olha para o único pedaço de comida que tem na mão, hesita, depois come. Fica fraco, a olhar para ela, preocupado.*

SER 2 (*para fora de cena*) - Longe!

SER 1 - Vais ficar sozinha, não tens medo?

SER 2 - Não, também não vos conhecia antes...

(*para fora de cena*) Longe!

SER 1 - Ele já está longe. Deixa-o. Temos de começar a pensar no que é que vamos fazer. Não podemos ficar aqui.

SER 2 - Eu estou bem aqui...

SER 1 - Temos de nos abrigar. (*olhando o céu*) O que vem aí não é nada bom. (*tenta mexer-se; não consegue*) Estou sem forças. (*desliza até ficar no chão, fraco*) Não sei se consigo...

O SER 2 come e olha para ele, divertida.

SER 1 *(olhando o céu)* - O que vem aí... é muito mau. *(para ela)*

É muito pior que isto! Se não me ajudares, não consigo.

Ela levanta-se lentamente e começa a deitar pedaços de grissinis no chão, enquanto se afasta. O SER 1 arrasta-se atrás dela e vai comendo os grissinis do chão. Parece ganhar forças e ergue-se progressivamente, a cada avanço. Afastam-se juntos.

DOIS

Na floresta tropical. Um pássaro, numa árvore, absolutamente imóvel. Dois investigadores observam ao longe com binóculos. Um deles deixa cair o seu bloco de notas. O outro faz-lhe sinal para fazer silêncio.

INVESTIGADOR 1 (*tomando nota das horas no bloco*) - 21h56.

INVESTIGADOR 2 - Está parado? Não sei se é ele que abana a crista ou se sou eu que oscilo os binóculos...

INVESTIGADOR 1 (*verificando*) - Acho que é a colega...

INVESTIGADOR 2 - Não. Desculpe, mas agora parece estar mesmo a abanar.

INVESTIGADOR 1 (*anotando*) - “Crista parece abanar às 21.57h”.

INVESTIGADOR 2 - Leia as notas de ontem à mesma hora, por favor.

INVESTIGADOR 1 (*lendo*) - “Não relevante. Reações imperceptíveis”. Está parado.

Tempo.

INVESTIGADOR 2 - Não acha que a parte detrás da crista está mais clara?

INVESTIGADOR 1 - Não.

INVESTIGADOR 2 - Como descreve a cor atual?

INVESTIGADOR 1 - Amarelo claro?

INVESTIGADOR 2 - É a cor de ontem?

INVESTIGADOR 1 (*consultando notas*) - Amarelo claro.

Tempo.

INVESTIGADOR 1 - Não percebo se ele está expectante ou numa atividade que não descortinamos...

INVESTIGADOR 2 - Mas parece-me estar mais para a nossa esquerda.

INVESTIGADOR 1 - Para a esquerda? Eu diria antes para a direita.

Trocam de lugar um com o outro.

INVESTIGADOR 1 - Coisa estranha.

INVESTIGADOR 2 - Acha que ele fez de propósito para não ficar centrado?

Espanto mútuo. Tempo.

INVESTIGADOR 1 - Ele vai ter que se mexer.

INVESTIGADOR 2 - Vai ter que fazer alguma coisa.

INVESTIGADOR 1 - Não faz nada.

INVESTIGADOR 2 - Não se mexe.

Ouve-se um trovão. Ameaça de chuva.

TRÊS

Um HOMEM e uma MULHER, jovens viúvos, sentados num restaurante num primeiro encontro romântico. Estudam os menus. A mulher tem um anel com uma grande pedra verde.

MULHER - Não sei bem o que pedir, não era eu que escolhia os vinhos...

HOMEM - Tinto?

MULHER - Branco.

HOMEM - Branco.

Tempo.

MULHER - Peixe?

HOMEM - Carne.

MULHER - Frango? Coelho? Vaca? Porco?

HOMEM - Porco não. Não me sinto bem com porco. Tenho porcos na quinta.

Tempo.

MULHER - A música é agradável. Gostas?

HOMEM - Os meus gostos musicais são muito variados. As minhas playlists até são contraditórias, pelo menos na aparência. Se calhar nem para mim fazem sentido.

Tempo.

MULHER - Às vezes ainda sinto o cheiro do Pedro, ou algo que me lembra dele.

HOMEM - Eu, quando a Inês morreu, achei que o melhor era arrancar as memórias como se fossem um penso. Rápido.

MULHER - As pessoas morrem-nos muito.

HOMEM - Todas.

MULHER - São números impressionantes, não é?

HOMEM - 100%.

MULHER - O facto de termos... de acontecermos... de vivermos, de não podermos, ... de morrermos...

(perde-se na frase)

HOMEM - Eu tento não pensar muito nisso... Como é que te despediste do Pedro? Depois de...

MULHER *(mexendo no seu anel)* - Se calhar não sabes, mas é possível extrair o carbono que existe nos restos do corpo, pressioná-lo e transformá-lo numa pedra que depois pode ser colocada num anel ou num colar. É um diamante... sintético mas é um diamante. Eu fiz o meu na Memorial Diamonds. A maioria dos diamantes sai azul, por causa dos componentes do corpo humano, mas de vez em quando lá aparece um diamante amarelo ou verde. Os técnicos não conseguem explicar porquê. *(mostra-lhe o anel)* O Pedro saiu-me verde. *(pausa)* Achas estranho?

HOMEM - Não, não. Acho... acho... *(não encontra a palavra)*

MULHER - Digno? Eterno? Sempre comigo?

HOMEM - Sim. Eram essas as palavras que me faltavam.

MULHER - E tu? O que fizeste à Inês?

HOMEM - No caso da Inês, o que ela mais queria era uma cremação ecológica.

MULHER - Ecológica como?

HOMEM - Mergulhas o corpo numa solução alcalina e ele liquefaz-se em poucas horas. *(tentando justificar)* É o mesmo processo que acontece debaixo da terra, mas mais rápido.

MULHER - E depois?

HOMEM - Depois? Depois vai pelo esgoto abaixo, como quando se puxa um autoclismo.

MULHER - Pelo esgoto? Mandaste a tua mulher... mandaste a Inês pelo esgoto?

HOMEM - Não, não, que ideia. Isso é o procedimento standard. *(pausa)* A Inês dava muita importância à sua última vontade... e era muito ligada à quinta e aos animais...

MULHER - Aos animais?

HOMEM - Aos porcos. Muito ligada aos porcos. Ela queria mais que uma solução ecológica. Queria que no fim o seu corpo fosse útil. Portanto... dei-a a comer aos porcos...

MULHER - Deste a Inês aos porcos?

HOMEM - A Inês não! A solução em que ela se desfez... misturei-a na ração dos animais que... comeram normalmente. *(pausa)* Achas estranho?

Tempo. A música do restaurante sobe de intensidade romântica. A mão dele avança na direção da dela.

QUATRO

INVESTIGADOR 2 (*pousando os binóculos*) - Eu vou avançar!

INVESTIGADOR 1 - Não faça isso!

INVESTIGADOR 2 - Cubra-me.

INVESTIGADOR 1 - Não colega, pense bem.

INVESTIGADOR 2 - Cubra-me.

INVESTIGADOR 1 - Não deite tudo a perder.

INVESTIGADOR 2 aproxima-se do pássaro.

INVESTIGADOR 1 - Temos de ter paciência.

INVESTIGADOR 2 - Eu vou passar o limite.

INVESTIGADOR 1 - Não, não faça isso. É um risco muito grande.

INVESTIGADOR 2 avança e coloca-se ao lado do pássaro.

Imita a sua posição.

INVESTIGADOR 2 - Ele está a ver-me? Está a ver-me?

INVESTIGADOR 1 - Acha que essa estratégia é eficiente?

INVESTIGADOR 2 - Vou interagir.

INVESTIGADOR 1 - Não faça isso!

INVESTIGADOR 2 emite um barulho de pássaro.

INVESTIGADOR 1 - Não interaja! Vai invalidar os resultados!

INVESTIGADOR 2 olha de frente para o pássaro.

INVESTIGADOR 1 - O que vê? Diga-me, o que vê?

Tempo.

INVESTIGADOR 2 - Vejo coisas magníficas!

O INVESTIGADOR 2 aproxima-se do colega. Juntos pegam no pássaro e colocam-no cuidadosamente numa gaiola.

CINCO

Entra uma MULHER jovem, de ar tímido. Traz uns cartões de tópicos para uma apresentação. Dirige-se à plateia, nervosa.

MULHER - Boa noite. Eu estou aqui para falar da necessidade da castração na 3ª idade. É... ãn... uma questão muito... importante, porque... ãn... por vários motivos. *(consulta um cartão)* Ao nível da prevenção de possíveis problemas para o idoso, ãn... sabemos que o... a... os níveis de excitação que o idoso pode experimentar podem... ãn... não são benéficos para uma série de situações de saúde, muito comuns na terceira idade, como é o caso dos problemas cardíacos. Nesse sentido, ao eliminar a possibilidade da excitação, ãn... sexual, estamos a prevenir que o idoso se sintam mal e possa mesmo... ãn... ficar gravemente... ãn... ser uma situação grave. *(consulta outro cartão)* Para os familiares, isto é também uma questão importante, porque... os familiares desejam que o seu idoso tenha uma velhice serena, calma, e este tipo de... ãn... é uma... é um estado que pode causar preocupação, e isso não oferece descanso aos... aos familiares do idoso. *(consulta outro cartão)* Pode também causar... essa excitação... com essa excitação vem também muitas vezes uma grande frustração para o... o idoso... que muitas vezes sente que não consegue... já não é

capaz... que as suas capacidades físicas já não correspondem aos seus... àquilo que ele deseja... desejaria fazer... ãn... e isso, ãn... causa grande insatisfação e até, ãn... alguma vergonha. *(consulta outro cartão)* Por exemplo, sabemos que muitas vezes o idoso... os idosos, ãn... a incontinência é um problema comum na terceira idade, o que pode causar muito desconforto para a pessoa que... que está com o idoso e, ãn... provocar situações de embaraço e... falta de higiene.

Tempo. Ela observa a plateia, ansiosa. Olha os cartões, parecendo perdida. Respira fundo e prossegue.

MULHER - Muitas vezes, nos lares, também encontramos situações muito desagradáveis... quando os idosos... ãn, por exemplo, quando há assédio do pessoal, ãn... o velhinho pode tentar assediar, por exemplo, a jovem que trabalha no lar e isso... não é desejável... e por vezes até, mesmo que a jovem também concorde, ãn... pode gerar situações de... más para o velhinho que já não consegue... que não consegue... fazer. *(ela parece ainda mais ansiosa; consulta outro cartão)* Ao nível da pornografia: os velhinhos às vezes não... ãn... ãn... *(engole em seco, sem conseguir terminar; consulta o último cartão)* Portanto, para resumir: Saúde, Segurança e Higiene. Obrigada.

SEIS

Um RATO está sentado ao lado de um cientista. Tem um cartaz onde se lê “Saúde, Segurança e Higiene. Ratos unidos em greve”.

DIRETOR - Ora então, a que se deve...

RATO (*interrompe*) - Exigimos uma melhoria imediata das nossas condições de trabalho! E se não responderem às nossas reivindicações, iniciaremos um período de greve com carácter imediato e de duração indeterminada!

DIRETOR - Greve? (*ri-se*) Vocês não podem fazer greve!

RATO - Ai não, que não podemos!

DIRETOR - Muito bem, minha cara... ãn, dona... menina, ratinha...

RATO - O meu nome é COL52.

DIRETOR - Cara COL52...

RATO - Mas pode tratar-me por “Senhora Delegada Sindical”, pois é nessa função que aqui estou.

DIRETOR - Hm, então... cara delegada... cara 52, quais são exatamente as vossas queixas?

RATO - Muitas! As coisas lá em baixo no Biotério estão muito mal! Passamos frio! A comida não chega! As condições de higiene são duvidosas!

DIRETOR - Eu peço desculpa, mas as condições do Biotério seguem um protocolo rigoroso!

RATO (*entredentes*) - Rigoroso... pff!

DIRETOR - A temperatura, por exemplo, é controlada diariamente.

RATO - E os fins-de-semana?

DIRETOR - O que é que têm os fins-de-semana?

RATO - Pois, para vocês não têm nada porque vão para casa ver séries na televisão, mas nós estamos ali fechados dois dias seguidos, e se tiverem regulado mal o termóstato quem se lixa é o rato! Peço desculpa...

DIRETOR - Cara 52, os meus registos dizem...

RATO (*interrompe*) - Ah, o senhor doutor fia-se nos registos, não é? Pois, os registos são muito bonitos, mas o que se passa lá em baixo é outra história! Aposto que diz aí que à sexta-feira os investigadores saem todos ao fim da tarde, na mesma... É, nós bem os vemos a sair “para almoçar” e depois a voltar do almoço na segunda-feira seguinte! Pff! As coisas que nós vemos e que você não fazem ideia, ui ui!

DIRETOR - Oiça, 52...

RATO (*interrompe*) - Ainda no outro dia houve uma investigadora que entrou no Biotério sem ter trocado de roupa, numa clara violação das regras de higiene! E tinha o casaco cheio de pêlos de gato! Não pode ser! E a outra loirinha, sueca ou lá o que é, que está sempre a levar o telemóvel lá para dentro!

DIRETOR - Pronto, mas deixe-me...

RATO (*interrompe*) - E os compartimentos são apertados

para a quantidade de ratos que põem em cada um! Nós até somos uma comunidade muito unida, mas torna-se desconfortável! E ainda por cima às vezes põem muito juntos ratos de experiências diferentes, e gera situações muito desagradáveis!

DIRETOR - 52...

RATO (*interrompe*) - Ficam os ratos do cancro a olhar para os ratos que têm orelhas a crescer nas costas, e os ratos das infeções a olhar para os das vitaminas... Isto, psicologicamente, é terrível!

DIRETOR - MINHA CARA 52! Agora vai calar-se um bocadinho e deixar-me falar!

RATO (*encolhendo-se*) - Eu peço desculpa, faça favor, senhor diretor.

DIRETOR - Afinal, estamos todos juntos a colaborar para uma causa muito nobre, ou não estamos?

RATO - Pois estamos, se não eu nem sequer estava aqui...

DIRETOR - Bom... Segundo os registos internos, os protocolos têm sido seguidos à risca...

RATO (*interrompe, para o lado*) - É, é!

DIRETOR - MAU!

RATO (*disfarçando*) - Eu não falei, só fiz “ahem,ahem”...
(*finge aclarar a garganta*)

DIRETOR - Como eu estava a dizer, não temos razões para considerar que haja problemas nas vossas condições. Mas

estou disposto a ouvir as suas reivindicações e a transmiti-las ao resto da Direção, para ponderarmos se é necessário tomar medidas. Portanto, para além do que já mencionou, têm mais alguma crítica ou exigência?

RATO - Temos pois! (*aclara a garganta*) Exigimos que a quantidade de comida seja proporcional ao esforço de cada rato!

DIRETOR - Mas a quantidade de comida está regulamentada.

RATO - Por quem?

DIRETOR - Pelos regulamentos da Universidade.

RATO - E esses lá da Universidade sabem o que é levar com uma injeção nos olhos, para decidirem quanto é que se deve comer depois? Aposto que não, vão ao restaurante e já está! Mas o rato que está em sofrimento sempre merece um mi-minho, ou não merece? Uma injeção nos olhos custa muito!

DIRETOR - E que mais?

RATO - Música!

DIRETOR - Música?

RATO - Sim, o ambiente às vezes é muito pesado. Nós sabemos que estamos condenados; custa alguma coisa ter uma musiquinha agradável, serena, para facilitar o dia-a-dia? Um Bach, por exemplo... é bonito!

DIRETOR - Mas isso pode interferir na monitorização de outros parâmetros, e para além disso é impossível escolher uma música que agrade a todos!

RATO - E funerais!

DIRETOR - Funerais? Está doida? Já viu a logística que isso implicava?

RATO - Pronto, não digo funerais mesmo, mas pelo menos algumas palavras no fim, um adeus, um “Obrigado rato, nunca te esqueceremos!”. E também não custava nada mencionar-nos nos artigos que vocês escrevem com os resultados das experiências! Nem que fosse em nota de rodapé! “Quero agradecer a todos os ratinhos que heroicamente deram a vida no decurso desta experiência”. Era o mínimo! O mínimo não, que o mínimo era pagarem-nos um salário... Era o mínimo dos mínimos!

DIRETOR - Mais alguma coisa?

RATO - Música! (*confusa*) Já disse? E, e... acho que acabei. (*parece cansada*)

DIRETOR - Sente-se bem, 52?

RATO - Estou um bocadinho baralhada. Acho que foi daquele líquido azul que me deram lá fora... Portanto: venho aqui em representação de todos os... (*olha para o cartaz*) ratos... Falta-me dizer qualquer coisa... Portanto: temperatura, música ambiente, condições de higiene, comida proporcional ao esforço, e... e...

DIRETOR - Relaxe, respire fundo.

RATO - Mais espaço entre os ratos, menções nos artigos, agradecimentos, “Obrigado rato, nunca te esqueceremos!”... acho que agora acabei. *(fica abatida)*

DIRETOR *(fazendo-lhe festinhas nas costas)* - Muito bem! Quem é linda, quem é?

RATO *(baralhada)* - É a 52?

DIRETOR - E quem é a 52?

RATO - ãn... é... não sei...

DIRETOR - E o que é que veio cá fazer?

RATO - ãn... trago as rei... *(tenta ler o cartaz)* reivi... vi... Eu não estou a ver muito bem...

DIRETOR - E então o que é que veio cá fazer?

RATO - ãn... Levar uma injeção nos olhos?

DIRETOR - Muito bem!

SETE

Uma MULHER jovem; traz vestida uma bata e uns protetores nos pés. Ouve-se um som de calma, harpas e ondas. Entra uma voz em off.

VOZ - Catarina?

MULHER (*nervosa*) - Sim?

VOZ - Está tudo bem?

MULHER - Tudo!

VOZ - Tente relaxar. Mas lembre-se que é fundamental que não se mexa.

MULHER - Ok.

VOZ - Se sentir as mãos ou os braços dormentes, pode pousá-los na barriga. Mas sem mexer o resto do corpo.

MULHER - Ah, ok. (*ela experimenta*)

VOZ - Muito bem.

MULHER (*surpreendida*) - Estão a ver-me?

VOZ - Estamos sempre a vê-la. Já sabe que, se precisar de alguma coisa, basta apertar a campainha.

MULHER - Sim.

VOZ - Vamos começar então.

Ouve-se o barulho de uma máquina. Ela franze os olhos fechados, incomodada. Toca a campainha. O barulho da máquina pára.

VOZ - Está tudo bem, Catarina?

MULHER - Eu... eu posso fechar os olhos?

VOZ - Claro. Vamos continuar?

ELA - Sim. *(fecha os olhos com força)*

A máquina recomeça a emitir o barulho. Ela aguenta, de olhos fechados. Contorce a cara. Toca a campainha. O barulho pára.

VOZ - Catarina?

MULHER *(um pouco mais alto que o necessário)* - Sim?

VOZ - Está tudo bem?

MULHER - Está a doer-me um pouco a cabeça, é normal?

Silêncio.

MULHER *(mais ansiosa)* - É normal?

VOZ - Sim, Catarina, é normal. Vamos continuar?

MULHER - Ok.

O barulho regressa. Ela fecha novamente os olhos; aperta e roda as mãos, tentando manter o resto do corpo imóvel. Subitamente aperta a campainha.

VOZ - Está quase. Não se mexa.

O barulho continua. Ela aperta a campainha repetidamente.

VOZ - Está quase a acabar. Não se mexa! Está a ouvir?

NÃO SE MEXA!

O barulho aumenta ainda mais. Ela contorce as mãos, os pés, os músculos da cara. O barulho pára abruptamente. Ela cai no chão.

VOZ - Catarina? *(Som de ondas e de harpa)* Catarina?

Ela não se mexe.

VOZ - Correu muito bem.

OITO

Dois amigos; um deles preenche o Testamento Vital.

AMIGO 1 (*lendo*) - “O presente documento traduz a minha manifestação antecipada da vontade consciente, livre e esclarecida, no que concerne aos cuidados de saúde que desejo receber, ou que não desejo receber, no caso de, por qualquer razão, me encontrar incapaz de expressar a minha vontade pessoal e autonomamente.”

AMIGO 2 - Sim.

O AMIGO 1 olha para ele, confuso.

AMIGO 2 - Põe “sim”.

AMIGO 1 - Não, isto não é uma pergunta. É só a introdução (*mostra-lhe*).

AMIGO 2 - Ah, ok. Parece o formulário que eu preenchi para a TV Cabo...

AMIGO 1 - É... parece. Mas é um bocadinho mais sério. Portanto: nome, data de nascimento, etc, isto eu preencho depois... (*lendo*) “Pretendo nomear meu Procurador de Cuidados de Saúde” - nome.

Silêncio. O AMIGO 1 olha para o AMIGO 2 fixamente.

Este não percebe.

AMIGO 1 - Estava a pensar que... podias ser tu.

AMIGO 2 (*assentindo, pouco convencido*) - Hm hm.

AMIGO 1 - Como és um amigo próximo... e és um bocado mais maduro do que o resto do pessoal...

AMIGO 2 (*ligeiramente ofendido*) - Hmm...

AMIGO 1 - És, pronto, alguém em quem eu confio para tomar decisões importantes. Se eu não puder decidir por mim. Se estiver incapaz de me expressar.

AMIGO 2 (*gozando*) - Incapaz de te expressares? Tipo, quando estiveres com os copos?

AMIGO 1 - Não!

AMIGO 2 - Quando tu estiveres com os copos, o mais provável é eu estar também! (*ri-se*)

AMIGO 1 - Eu estou a falar a sério! Imagina que eu fico em estado de coma...

AMIGO 2 (*subitamente sério*) - Ei, isso é mesmo para morrer!

AMIGO 1 - Claro, isto é o Testamento Vital!

AMIGO 2 (*contrariado*) - Pronto, está bem, eu sou o teu Procurador! Põe lá o meu nome!

AMIGO 1 - Obrigado. (*escreve*)

AMIGO 2 - Para que é que já estás a pensar em testamentos? Um tipo tão novo... estás doente e não me disseste nada?

AMIGO 1 - Não, eu só estou a fazer isto por precaução. Portanto: (*lendo*) "Situação Clínica em que a DAV produz efeito"

AMIGO 2 - O que é a DAV?

AMIGO 1 - É isto!

AMIGO 2 - Então não era "Testamento"?

AMIGO 1 - É a mesma coisa! (*mostra-lhe*) “Diretiva Antecipada de Vontade”. Portanto... eu aqui se calhar escolhia todas.

AMIGO 2 - Eh, não faças isso! Isso foi o que eu pus lá no papel da TV Cabo, e fiquei cheio de canais que não quero para nada!

AMIGO 1 (*irritado*) - Mas isto não é uma box, é a vida! E eu aqui não pago nada!

AMIGO 2 - Ai isto não se paga nada? Fixe... É, escolhe todas.

AMIGO 1 - Portanto: (*lendo*) “Cuidados de saúde a receber/não receber”.

AMIGO 2 - É para riscar o que não interessa?

AMIGO 1 - Pois... não percebo.

AMIGO 2 - Não risques já; quais são as opções?

AMIGO 1 - Agora são mesmo as situações em que eu tenho de dizer o que quero. Portanto: (*lendo*) “Não ser submetido a reanimação cardiorrespiratória”

AMIGO 2 - Mas tu queres!

AMIGO 1 - Claro! (*assinala*) “Não ser submetido a meios invasivos de suporte artificial de funções vitais.”

AMIGO 2 - Queres!

AMIGO 1 - Não! Estás maluco?

AMIGO 2 - O que é que eles querem dizer com “invasivos”?

AMIGO 1 - É meterem-te tubos pela garganta dentro, aquilo faz uma aflição só de imaginar! Não quero nada disso!

AMIGO 2 - Por ser na garganta? Se for noutro sítio já não te importas?

AMIGO 1 - Que outro sítio?

AMIGO 2 - Sei lá... pela uretra, por exemplo.

AMIGO 1 - Estás a gozar? Tu conheces algum procedimento em que se salva uma vida enfiando-se um tubo pela uretra?

AMIGO 2 - Sei lá eu! Não sou médico! Eu preciso de esclarecer estas coisas, vou ser o teu Procurador! Depois, nesse dia, tu vais estar apagado, o médico vem ter comigo a dizer que vai ter de ser invasivo e o que é que eu digo? “Onde é que o sotôr lhe quer enfiar o tubo? É que se for na garganta não pode, porque ele não queria isso, mas se for pela uretra siga, que ele não se importava”?

AMIGO 1 (*hesita*) - Eu vou-me informar melhor e logo preencho esta... (*lendo*) “Não ser submetido a medidas de alimentação e hidratação artificiais que apenas visem retardar o processo natural de morte”. Não quero isto.

AMIGO 2 - Não queres água?

AMIGO 1 - Se estiver a morrer e não houver nada a fazer, não!

AMIGO 2 - Mas imagina que é véspera de Natal e tu estás quase a morrer, mas com uma aguinha até te aguentavas mais uns dias? Vais obrigar o pessoal a enterrar-te no Dia de Natal, quando podias esperar mais um bocadinho? É deprimente!

AMIGO 1 - Desculpa, eu aqui vou ser mesmo egoísta!

AMIGO 2 - Ok... (*pausa*) O Procurador depois pode mudar isso?

AMIGO 1 olha-o de forma ameaçadora e continua a ler.

AMIGO 1 - “Participar em estudos de fase experimental...”, “Não ser submetido a tratamentos que se encontrem em fase experimental”, “Recusar a participação em ensaios clínicos...”... Isto parece tudo a mesma coisa!

AMIGO 2 (*observando o documento*) - Isto está tudo mal perguntado! Numa diz “não ser submetido”, noutra “recusar a participação”... Porque é que não usam os mesmo verbos? *Olham os dois o documento, hesitantes.*

AMIGO 2 - Passa à frente e voltas a estas no fim, como nos testes.

AMIGO 1 (*lendo*) - “Não autorizar administração de sangue ou derivados.”

AMIGO 2 - Essa é para os Jeovás.

AMIGO 1 - Autorizo. “Receber medidas paliativas, hidratação oral mínima ou subcutânea.” Acho que sim...

AMIGO 2 - Ai, há bocado não querias água e agora já queres?

AMIGO 1 - É uma água diferente. Aqui não é para salvar a vida, é uma água só para não sofrer.

AMIGO 2 - Ah, assim tipo molharem-te os lábios se estiverem secos? É, diz que queres.

AMIGO 1 - “Serem administrados os fármacos necessários para controlar dores...” Drogas, sim! (*assinala*) “Receber assistência religiosa quando se decida interromper...” Padres não! “Ter junto de mim, quando se decida interromper meios

artificiais de vida, a pessoa que aqui designo: nome” (*pausa*)
Isto é... a pessoa que eu quero lá quando... para me segurar
a mão e assim...

AMIGO 2 - Põe “namorada”.

AMIGO 1 - Eu não tenho namorada.

AMIGO 2 - Pois, mas entretanto podes arranjar uma.

AMIGO 1 - Eu tenho de dizer quem é a pessoa, pôr o nome,
o contacto...

AMIGO 2 - Ah, então não dá...

Silêncio.

AMIGO 1 (*abruptamente*) - Eu quero a minha mãe!

Silêncio desconfortável.

AMIGO 2 - Pronto... Tens a certeza?

AMIGO 1 - Quero a minha mãe!

AMIGO 2 - Ok...

Silêncio desconfortável.

AMIGO 1 - E pronto. Só falta uma: (*tendo*) “Outras considera-
ções pessoais ou eventuais motivações das minhas decisões.”

NOVE

A DIRETORA de uma clínica atende a jovem MULHER que fez a Ressonância.

DIRETORA - Pois é Catarina. Catarina... Pois é, pois é. Catarina.

MULHER - Eu vinha à espera de um número.

DIRETORA - Qual?

MULHER - O pior.

DIRETORA - E o pior é o quê?

MULHER - 99.

DIRETORA - 99%? E vinha preparada para isso?

A MULHER encolhe os ombros.

DIRETORA - E com que número é que saía daqui perfeitamente descansada? E não diga zero, isso não existe.

MULHER (*hesitante*) - 10.

DIRETORA - 10% e saía daqui totalmente descansada?

MULHER - Totalmente não...

DIRETORA - Só um pouco?

MULHER - Pronto... bastante descansada...

DIRETORA - E com que número é que não sentia nem uma coisa nem outra?

MULHER - Nem uma coisa nem outra? 49... não, 50... é engraçada a diferença que pode fazer 1 ponto.

DIRETORA - Agora é que colocou os pontos nos ... (*faz o gesto de colocar os pontos nos i's*) E com que número é que pensava “Caramba, queres ver que vou mesmo ter cancro?”

MULHER - “Caramba, queres ver que vou mesmo ter cancro?”... Talvez 74.

DIRETORA - Bom, eu vou dizer-lhe, Catarina: a probabilidade de cancro para si é de 68%.

MULHER - 68%!

DIRETORA - Mais ou menos a meio entre o sentimento indefinido e o “Caramba, queres ver que vou mesmo ter cancro?”.

MULHER - O meu número é o 68.

DIRETORA - É a partir deste número que vamos ter que tomar decisões. Como é que encara a vida, Catarina?

A MULHER encolhe os ombros.

DIRETORA - Para mim, Catarina, o que interessa é a vida. E o contrário da vida é a morte. E a morte é o final. A vida para mim é transformação. Enfim, mas isto é para mim...

MULHER - É uma decisão complicada...

DIRETORA - É! É e... devia ser tomada hoje.

MULHER - Hoje?

DIRETORA - Sim, porque hoje estamos com uma promoção de 60% em todas as mastectomias preventivas, que visa premiar as pacientes que decidem depressa. Se decidir hoje, eu posso tê-la numa marquesa depois de amanhã.

MULHER - Pôssa!

DIRETORA - E se avançar damos-lhe 90% de probabilidade de não ter mais problemas.

MULHER - Pôssa, pôssa. (*parece paralisada*)

DIRETORA - Não quer? É para cancelar? (*afasta-se*) É para cancelar? (*como se falasse para fora*) É para cancelar o procedimento da dona Catarina.

MULHER - Eu tenho de pensar!

DIRETORA - Muito bem vá para casa, concentre-se. Lave a louça. Olhe, borde Catarina. Borde, borde que se vai sentir limpa por dentro. E aí pensa melhor.

MULHER (*não querendo ir embora*) - Não sei.

DIRETORA - Se fosse a sua filha a estar nesta situação, o que é que lhe dizia? O que é que dizia à sua filha? (*segura-lhe nas mãos*) “Mamã, deram-me 68% de probabilidade de cancro na mama e 60% de desconto numa mastectomia.”

MULHER - 68 de probabilidade e 60 de desconto...

DIRETORA - “O que é que tu fazias mamã?” (*baixa-se e coloca a cabeça no colo dela*) “Se o fizer dão-me 90% de probabilidade de não ter mais nada!”

MULHER - É como a Angelina Jolie?

DIRETORA (*irritada*) - Não. As percentagens dela não são as suas. Ela é uma mulher que foi ao Vietname adotar crianças. Fez o “Tomb Raider”, viu a saga? Ainda assim, eu diria que os 87% dela acabam por ser os seus 68%.

MULHER - Mas pode-se comparar assim? Pode-se comparar isso? Eu aqui no Porto, com o meu namorado, e ela em Beverly Hills com o Brad Pitt. Pode-se comparar uma coisa com a outra?

DIRETORA - Catarina, pode-se comparar tudo! Acredite! Agora inspire. Expire. Feche os olhos. Inspire. Expire. *(estala os dedos)* É para tirar? É para tirar? *(silêncio)* Mas não se precipite, porque eu tenho de ter a certeza que a Catarina tem a certeza.

MULHER - A certeza...

DIRETORA - Claro que, psicologicamente, estes 68% hoje equivalem para si a 90%. Porque ainda que rigorosamente haja sempre 32% de probabilidade de nada acontecer, a Catarina está a sentir estes 32% como se fossem apenas 10%. Não é verdade, Catarina?

Silêncio.

DIRETORA - E consegue viver com estes 10%, Catarina?

MULHER - Não sei.

DIRETORA *(desesperando)* - O que a Catarina quer é que eu decida por si, pelas suas mamas, pela sua filha, mas eu não vou entrar nesse jogo!

A MULHER olha para ela suplicante.

DIRETORA - Pare com isso, não conte comigo

MULHER - Esta situação... que nojo!

DIRETORA *(aproximando-se)* - Quer que eu maquilhe o número?

MULHER - Como?

DIRETORA - Quer que eu apresente o número de um modo mais agradável?

MULHER - Não percebo.

DIRETORA - São 68%. Você sabe e eu sei. Mas pode ajudar se eu disser que o número é outro. Sempre sabendo, claro, que é 68%... (*deambulando*) 52!

MULHER - 52 o quê?

DIRETORA - 52%, a probabilidade de cancro para si é de 52%.

MULHER (*hesitante*) - É melhor, não é?

DIRETORA - Que me diz a isto?

MULHER - É melhor...

DIRETORA - Marcamos?

DEZ

Um HOMEM de meia idade, agitado.

HOMEM - Não, não, não, não! Vocês estão enganados! Vocês não sabem do que estão a falar! O que vocês chamam doença, eu chamo “performance”. Eu nunca estive tão bem na minha vida! Eu agora atingi um equilíbrio, uma compreensão das minhas capacidades, que nunca tinha tido em 45 anos de vida! É fantástico! Eu estou literalmente a andar para trás no tempo! Literalmente não, eu sei que ainda tenho 45, não estou maluquinho! Mas basicamente chegou um dia em que eu disse para o meu corpo: “Deixa-te de merdas! Tu não tens a tua idade, corre caralho!” E comecei a correr! *(desata a correr, pára subitamente)* E nunca mais parei! Eu agora não ando, corro, corro para todo o lado. *(corre mais)* Ao princípio não foi fácil, claro, tinha dores, sobretudo nos joelhos, mas com a prática isso passou tudo! Eu insisti apesar da dor, compreendem, e fui fortalecendo o corpo todo! Eu agora tenho joelhos de porco! *(roda os joelhos)*. E deixei de usar sapatos, sapatos para quê? Nós dantes não usávamos sapatos, há cem mil anos, e corríamos para todo o lado, atrás dos mamutes, por cima das pedras, nadávamos, caçávamos... *(salta pelo espaço)* É um regresso aos primórdios, compreendem? É uma nova

ligação (*inspira, sereno*) ao... tudo, percebem? Eu agora estou em perfeita sintonia, comigo, com o mundo, com a essência das coisas! E não posso parar (*começa a correr no lugar*), nunca paro, nunca paro, parar é morrer! E quanto mais faço, mais sinto que posso fazer! E estou sempre atento, sempre a vibrar! (*salta, fingindo agarrar algo, cai ao chão, levanta-se rápido*) É um constante frémito, vocês não podem compreender... É um frémito, um furor, um coice! Até a dormir eu estou atento (*deita-se*): durmo sempre oito horas por dia, num colchão duro como mármore, e acordo passadas oito horas exatas (*levanta-se muito rígido*) completamente descansado e focado! Às vezes até acordo alagado em suor, porque desenvolvi a capacidade de treinar mentalmente enquanto durmo, mas sem desgastar os músculos, porque estou a dormir, percebem? O médico disse-me: “Oh homem, você tem o coração de um boi!” E eu perguntei: “Isso é bom?”, porque pensei naquilo do Ébola ter vindo do morcego, a Sida que veio do macaco, pronto, quando mete animais nunca se sabe... Mas não é bom, é fantástico! O meu coração tem um poder! Neste momento, que estou a treinar todos os dias, ele bate para aí umas... dez vezes por minuto! Vocês conseguem imaginar? (*imita o coração a bater devagar e o jacto de sangue a ser bombeado*). É maravilhoso! Olhem bem para mim: não pareço mais novo do que sou? Eu agora sinto que, por cada ano que

avanço, ando uns... três anos para trás. O meu objetivo é chegar a um ponto em que vou ter a flexibilidade de uma criança de 5, 6 anos, a resistência de um rapaz de 17 e esta motivação que tenho agora!

Dois responsáveis de diagnóstico estão a olhar para ele.

Ele repara neles.

HOMEM - Eu percebo! Eu estou a ver nas vossas caras! Vocês estão a olhar para mim e a pensar: “Coitado! Tem 45 anos, tem o corpo todo lixado e está para aqui a delirar, a dizer que faz e acontece!”. Mas vocês pensam isso porque não percebem! Vocês pensam isso porque não sentem e, como não sentem, não sabem! Vocês não imaginam como é estar no meu corpo! *(pausa)* Vocês estão a pensar que eu estou maluquinho, não é? Eu vejo o vosso olhar de pena; mas deixem-me dizer-vos só isto: o vosso embaraço é a minha certeza de que estou no caminho certo!

Silêncio. Aparecem projetadas imagens de órgãos internos e procedimentos médicos.

HOMEM - O que é... *(aponta as imagens)* o que é... o que é que foi? *(silêncio)* O que é que eu tenho?

ONZE

DR. - O seu diagnóstico não é... fácil.

DR^a. - Queremos dizer-lhe o que tem. Mas neste momento ainda não podemos dizer “Tem isto.”

DR. - Ainda é complicado. Só vamos poder dizer quando todas as portas estiverem fechadas e só ficar uma aberta.

DR^a. - Há coisas que nos deixam a pensar “Será que...?”

DR. - “Será como...?”

DR^a. - “Será?”

DR. - Estamos a jogar com probabilidades.

DR^a. - Mas estamos no caminho certo.

DR. - É um processo moroso...

DR^a. - Às vezes demora mais tempo, às vezes menos...

DR. - O senhor está na média.

DR^a. - Neste momento ainda não podemos ajudá-lo...

DR. - Mas podemos apoiá-lo, tranquilizá-lo.

HOMEM / PACIENTE - Mas encontraram alguma coisa má?

DR^a. - Não podemos dizer que encontramos uma coisa “má”...

DR. - Temos dados que confirmam que não há nada de mal, mas ainda não podemos dizer isso.

DR^a. - Há sempre essa possibilidade.

DR. - No entanto, a possibilidade de ter alguma coisa má até pode ser boa.

DR^a. - Toda a população tem algumas anormalidades no corpo.

DR. - Estamos a analisar.

DR^a. - Encontrámos irregularidades, mas ainda não podemos confirmá-las.

DR - Há coisas a bater dentro de si, temos é de perceber se o que bate está a bater certo.

PACIENTE (*apontando as imagens*) - Aquilo sou eu?

Os médicos calam-se, olham para trás, estudam as imagens em silêncio. Voltam a olhar para ele.

DR. - Não podemos dizer que seja o senhor Carlos, é uma ideia de como poderá ser o seu corpo por dentro.

DR^a. - Isto é uma analogia. É meramente ilustrativo.

DR. - Isto não está a acontecer.

PACIENTE - Isto é o meu coração?

DR^a. - É um coração muito semelhante ao seu...

PACIENTE - Isto é sangue?

DR. - É uma secreção que parece sangue...

PACIENTE - Isto é a minha coluna?

DR^a. - Não, isto por acaso até é a minha...

PACIENTE - E estas partes, o que são?

DR^a. - Isto são partes que vão encaixar noutras partes.

PACIENTE - Diga-me a verdade: eu tenho um cancro?

DR. - Não tem; por isso é que temos de ir à volta...

PACIENTE - E aquela coisa colorida?

DR^a. - Ora aí está: neste momento estamos a tentar perceber se aquela coisa colorida o está a ajudar a prosseguir a sua vida, ou se está a piorar tudo.

DR. - Mas isso não é necessariamente negativo!

DR^a. - É o que queremos perceber...

PACIENTE - Mas vamos perceber isso?

DR. e DR^a. - Vamos perceber isso!

PACIENTE - Então isto não é real? É só uma animação!

DR. - Ui, se eu lhe mostrasse o que é real!

DR^a. - Para já não tem com que se preocupar...

DR. - Isto é tudo metafórico!

PACIENTE - Desde o início?

DR^a. - O senhor Carlos neste momento está ótimo!

DR. - Tem passado por isto com muita coragem!

DR^a. - Neste momento quase podemos dizer que é um campeão!

DR. - Neste momento quase podemos dizer que está curado!

DR^a. - Mas por enquanto não...

DOZE

*Uma MULHER de meia idade, de aspeto sincero e simpático.
Fala para a plateia.*

MULHER - Boa noite. O meu nome é (*nome da intérprete*), tenho (*idade da intérprete*) e... há cerca de quatro meses atrás foi-me diagnosticada Doença de Alzheimer precoce. Foi uma notícia muito difícil de receber, sobretudo porque eu nunca imaginei que podia ter esta doença tão nova. Quero dizer, eu já não sou muito nova, para os padrões gerais da nossa sociedade, mas para os padrões da doença sim... É bastante raro desenvolver este tipo de Alzheimer, que tem uma origem hereditária, e que começa a manifestar-se logo a partir dos 40, ou seja, 20 ou 30 anos antes do que é suposto. Só cerca de 5% dos pacientes têm este tipo de caso e... calhou-me a mim. Como devem calcular, ao início eu senti uma grande revolta... mas a certa altura a minha atitude perante a doença começou a mudar, e eu comecei a pensar: para quê revoltar-me? A verdade é que eu neste momento sei que tenho pela frente uns 8 a 10 anos de vida e, se formos a ver bem, o médico que me deu a notícia pode morrer amanhã num desastre de automóvel... espero que não, porque é um ótimo médico (riso), mas o facto é que ele não sabe o que lhe vai acontecer e eu tenho uma

oportunidade de me organizar, e de me preparar para aquele momento em que já não vou conseguir lembrar-me das coisas: organizar um arquivo de fotografias, escrever a minha própria biografia, para mais tarde me lembrar de mim... Mas a verdade é que eu percebi que estas coisas só são ser úteis para eu ser lembrada pelos outros, para a memória dos outros. Porque quando chegar a altura em que elas seriam mais úteis para mim, eu já não vou ter capacidade para reconhecer as pessoas nas fotografias, ou para perceber as frases que escrevi nas minhas próprias memórias. E quando percebi isto confesso que me fui um pouco abaixo e tive a sensação que não podia fazer nada para controlar, ainda que minimamente, os efeitos da doença. Foi então que descobri que, em relação ao som as coisas são diferentes: o processamento auditivo é uma das últimas capacidades a ser destruída pela doença de Alzheimer. Um doente que, por exemplo, já não reconhece a fotografia de um familiar - porque já não a consegue tratar neurologicamente - consegue ainda ser estimulado por músicas do seu passado e que associa a recordações, a momentos da vida e a pessoas. E até pode lembrar-se da letra e conseguir cantar a música. Para mim isto foi uma descoberta maravilhosa, porque a música sempre foi muito importante na minha vida.

Olha para a plateia e aponta uma zona.

MULHER - Eu tenho duas filhas, que estão aqui esta noite... Têm 9 e 12 anos o que significa que, daqui a uns anos, quando eu chegar à fase pior, são elas quem vai tomar conta de mim. E apesar de elas serem maravilhosas e gostarem muito de mim, eu confesso que tenho horror a imaginar que vão ser elas a escolher “a música que a mamã ia gostar de ouvir”. *(ri)* Só de imaginar que me põem o Justin Bieber ou os One Direction, e eu nem vou ter capacidade de dizer “Desliguem essa porcaria!”...*(ri)* É assustador! Por isso peguei em toda a música que fui guardando ao longo dos anos e comecei a preparar playlists, as playlists da minha vida, as playlists que me vão fazer lembrar de mim e do meu passado. Depois comecei a pensar: e se eu pudesse ajudar outras pessoas que também estão a lidar com esta doença? Se esta minha experiência pessoal pudesse, de algum modo, deixar uma marca, mesmo que pequena, neste estúpido Alzheimer que afeta tanta gente? E foi então que eu e o meu companheiro decidimos abrir um site dedicado precisamente a elaborar playlists personalizadas, que ficam armazenadas e podem mais tarde ser acedidas pelos cuidadores do paciente, quando ele já não for capaz. *(assume um tom publicitário)* Por apenas 9,99€ a pessoa tem acesso a uma subscrição anual, que inclui cinco playlists com trinta músicas, todas associadas a descrições pessoais e um grande conjunto de referências

exteriores. E por apenas 14,99€ é possível também optar pelo nosso “Pacote Premium”, onde se tem acesso a dez playlists com cinquenta músicas, e ao bónus de uma lista de sugestões de outros temas relacionados por género ou por época. *(regressa ao tom sincero)* Espero sinceramente que esta iniciativa possa mudar de algum modo a vida dos que sofrem ou virão a sofrer de Alzheimer, como já mudou a minha. *(olha para a plateia, hesitante)* E porque nestas coisas convém terminar com um momento emocionante... *(ri)* vou partilhar convosco uma música que, por estranho que pareça, eu coloquei numa das minhas playlists. Peço-vos que tentem cantá-la comigo, e se calhar vão ficar espantados com aquilo que a vossa memória é capaz de guardar.

Ouve-se uma canção de há muito anos, conhecida e romântica. Ela cantarola envergonhada, pede ao público que cante as partes mais conhecidas, esquece-se de um bocado da letra, retoma mais à frente, ri-se, depois começa chorar. Limpa as lágrimas, rindo de novo.

MULHER - Obrigada! Boa noite!

Sai, deixando a música a tocar.

TREZE

Um AVÔ e a sua NETA estão sentados num consultório com um responsável pela ligação aos pacientes de um laboratório.

DR. *(para o AVÔ)* - Antes de mais, gostava de lhes transmitir os meus pêsames pelo... hm... o falecimento da sua filha *(para a NETA)* da sua mãe. Os meus pêsames.

Silêncio. Eles olham para ele sem reacção.

DR. - Bom, nós pedimos que viessem cá porque estamos a tentar perceber qual foi exactamente a causa do... da... qual foi a doença que, enfim, vitimou a sua filha *(para a NETA)* a sua mãe.

AVÔ - Já sabem?

DR. - Estamos ainda a investigar para chegar a uma conclusão definitiva. Mas temos indícios que apontam para a possibilidade de uma doença hereditária. E nesse sentido precisamos de apurar até que ponto é que o senhor ou a sua neta podem também sofrer desta doença.

AVÔ - Eu? Eu estou bem!

DR. - Sim, mas o facto de o senhor se sentir bem não significa que não possa ser portador da doença.

AVÔ - Portador?

NETA - Mas então foste tu que passaste à mãe?

DR. - É isso que estamos a tentar perceber.

AVÔ (*para a NETA*) - É isso que estamos a tentar perceber. (*para o DR.*) Mas ela tem razão? Fui eu que matei a minha filha?

DR. - Não se trata de matar! Nas doenças hereditárias os pais não matam os filhos, é uma coisa que não controlam.

AVÔ - Então para que é que quer saber se eu estou bem?

DR. - Pois, precisamente, temos de perceber melhor como se poderá estar a transmitir a doença dentro da família. O senhor pode até nem estar doente...

AVÔ - Então não vale a pena perder tempo comigo! Eu já não apanho, que sou velho. A doença não anda para trás nem para os lados, anda para a frente, não é? Temos é que ver se ela tem (*aponta a NETA*).

NETA - Eu estou doente, Dr.?

AVÔ - Ela está doente?

DR. - Calma, vamos com calma.

NETA - Não pode ter sido a avó a passar?

AVÔ - A avó da tua mãe?

NETA - Não, não é a tua mãe. A minha avó!

AVÔ (*para o DR.*) - Pois, não pode ter sido a mãe dela? Da minha filha?

DR. - Calma! Eu tenho de vos fazer algumas perguntas primeiro, para recolher informação necessária, sem a qual não podemos avançar. Podem dizer-me as vossas idades?

AVÔ - Eu tenho 78.

NETA (ri) - Oh avô! 77!

AVÔ - 77 a fazer 78. Faço para o mês que vem, vai dar ao mesmo! E tu, estás com quantos?

NETA - 12.

Silêncio. O DR. olha para ela confuso. Aponta as idades num papel.

AVÔ - É preciso tirar sangue?

DR. - Por agora não vamos fazer exames propriamente ditos...

AVÔ - Não faz exames? Então como é que sabe se estamos doentes?

DR. - Eu hoje vou apenas tentar traçar o historial clínico da família.

AVÔ - Historial?

DR. - Sim, as doenças que tiveram, por exemplo, os seus pais, os pais da sua esposa, os seus irmãos... Temos de olhar para trás para perceber...

AVÔ (*interrompe*) - Oh sotôr, para trás mijá a burra! O que é que interessa que doenças teve essa gente toda? O que interessa é a miúda! (*para a NETA*) Senta-te direita!

DR. - Pois, mas para percebermos se a... miúda está em risco, temos de descobrir de onde pode ter vindo a doença. Os seus pais, por exemplo.

AVÔ - O que é que têm? Já morreram!

DR. - De causas naturais?

AVÔ - O meu pai morreu com um trator. Virou-se. A terra onde ele trabalhava era em socalcos, só dava para lavar

de trator, e às vezes os tratores viravam. Mas era natural, eram tratores daqueles antigos que tinham o peso mal distribuído, tinham o motor meio de lado e aquilo virava muito. Era natural... agora não, os tratores agora já têm o peso bem distribuído, é mais fácil.

DR. - E a sua mãe?

AVÔ - A minha mãe morreu com um bicho nos intestinos. Não foi natural, aquilo era bicheza que andava nas águas. A água que nós bebíamos era água da mina, e uma vez as águas das fossas contaminaram a mina, e passou o bicho. *(para a NETA)* A tua avó.

NETA - Bivó!

AVÔ - Isso, a tua bivó. Tu já alguma vez tiraste sangue?

NETA - Já.

AVÔ - Estás com quantos?

NETA - Fiz 14 agora.

AVÔ *(dá-lhe uma palmada na mão)* - Pára de mexer nas unhas. *O DR. olha confuso para ela, depois para o papel. Corrige a idade que tinha apontado.*

AVÔ *(para o DR.)* - Acha que foi um deles que me passou a doença?

DR. - Ainda é cedo para tirarmos esse tipo de conclusão. Eu, para já, estou só a tentar perceber...

AVÔ *(interrompe)* - E eu agora vou morrer como a minha filha? Deixe lá, não me interessa saber!

NETA - Oh avô, é melhor saber. Assim sempre podias morrer de outra coisa.

AVÔ - Quero lá saber! Disto até se morre bem...

NETA - Olha, morrias a dormir, não era melhor?

AVÔ (*para o DR.*) - Também lhe digo: se alguém me passou a doença foi o meu pai. Tinha muito mau feitio. A minha mãe era uma santa, não me ia passar uma coisa destas! É verdade que era um bocado... instável.

DR. - Instável como?

AVÔ (*para a NETA*) - Não era, a tua bisavó?

Ela ri-se a despropósito.

DR. - Mas como assim?

AVÔ - Era instável, era instável! Tinha altos e baixos. Era a maneira de ser...

DR. - E com que idade morreu?

AVÔ - 50... (*pensa*) menos, 40... Trintas... era nova!

DR. (*desesperando*) - E a sua esposa?

AVÔ (*como se já tivesse dito*) - Instável.

NETA - Não, isso era a bivó!

AVÔ - Exato, e ela sai à mãe.

NETA - À mãe?

AVÔ - Sai à mãe dela; naquela altura as mulheres eram todas muito instáveis.

DR. - Mas eu não me estou a referir à maneira de ser! Isso não é relevante. Eu preciso de saber como é que é a saúde dela.

AVÔ - É boa!

NETA - A avó passa a vida no Centro de Saúde.

DR. - Porquê?

AVÔ - Ora porquê? Porque é que acha? Para se distrair! Não tem nada que fazer, as amigas vão lá, fica ao lado da padaria...

DR. - Eu reformulo a pergunta: qual foi o último problema que a levou ao Centro de Saúde?

AVÔ - Um pé inchado.

NETA - Caiu nas escadas.

AVÔ - Não foi nas escadas, foi na raiz de um carvalho. Mas fora isso não tem mais nada... É instável, pronto. É instável.

DR. - Eu peço-lhe que pare de dizer a palavra “instável”, que não ajuda nada à compreensão dos problemas de que estamos a falar. E não é por dizer a palavra várias vezes que ela vai começar a fazer sentido.

AVÔ - O que é quer que eu lhe diga? Eu estou aqui para perceber o que é que matou a minha filha! O sôtôr vem-me falar dos meus pais, da minha esposa... Não percebo! Parece que está doido para descobrir um culpado! Deixe isso da mão! O que é que interessa quem é o culpado? O que interessa é a miúda! Tem a vida toda pela frente! (*agarra na cara da NETA*) Olhe para isto! (*para a NETA*) Tu estás com quantos agora?

NETA - 16.

AVÔ - É a cara da mãe quando tinha a idade dela! Não é bonita? E nem um dente cariado! Veja bem! (*mostra os dentes da NETA como se fosse um cavalo*).

DR. - Mas... (*confere o papel*) O senhor que idade tem?

AVÔ - Setenta e... (*pensa*) sete. Já lhe disse!

O DR. *levanta-se e vira-lhes as costas, tentando acalmar-se. O*

AVÔ pega no papel com as notas do médico e fica a lê-lo com a NETA. O DR. volta à mesa e arranca-lhe o papel das mãos.

DR. - O senhor por acaso é um profissional de saúde?

AVÔ - Não.

DR. - Então não vai perceber o que eu escrevi!

AVÔ - Mas eu estava a perceber.

DR. - Não, não estava! A linguagem clínica é muito específica, é impossível a quem não a conhece perceber alguma coisa. É como se estivesse escrito em alemão.

AVÔ - Também percebia, porque eu estive emigrado em Frankfurt nos anos 60.

DR. - Voltemos ao que interessa: o senhor tem irmãos?

AVÔ - Sim.

DR. - Quantos irmãos tem?

AVÔ - Quantos tenho ou quantos tive? Não é a mesma coisa...

DR. - Portanto alguns deles já morreram.

AVÔ (*irritado*) - Lá está você! O que é que isso interessa? Claro que já morreram!

DR. - Eu estou a tentar estabelecer o estado clínico...

AVÔ (*interrompe*) - É o estado morto!

DR. - Pronto, mas diga-me então mais ou menos há quanto tempo morreram!

AVÔ - Sei lá eu, o tempo passa a correr!

DR. - Mas... pronto, morreram de quê, lembra-se?

AVÔ - A Manuela e o Delfim morreram de... coisas de bebês, dantes os bebês morriam muito, era natural, estranho era quando não morriam. Até tivemos sorte: éramos cinco, ficámos três. Entretanto o António morreu da próstata, ficámos eu e a Maria, que é a mais nova! (*para a NETA*) É mais nova, não é, a tua tia avó Maria?

NETA - A mãe do primo José.

AVÔ - Pois, é mais nova!

NETA - O primo tem mais quinze do que eu, portanto está com... 35.

AVÔ - Eu tenho 77... é fazer as contas.

O DR. volta a levantar-se desesperado.

DR. - Bom, eu acho que é melhor marcar um novo encontro para breve. Podemos falar melhor e pedia-lhe, por favor, que trouxesse a sua esposa consigo.

AVÔ - E para que é que quer outro encontro? Ainda não sabe tudo o queria saber?

DR. - Eu vou precisar de...

AVÔ (*interrompe*) - Estamos aqui há uma eternidade e você ainda não descobriu mais nada? Diga-me: do que é a que a

minha filha morreu? E a minha neta, vai morrer disso também? E se sim, mais ou menos dentro de quanto tempo? Que é para eu começar a organizar a minha vida!

DR. - Mas eu não posso dizer isso agora!

AVÔ - Pois não, você não diz nada! Neste tempo todo não soube dizer nada! O que é que disse? *(senta-se na cadeira do DR. e fala com a NETA)* O sotôr disse que tu, por enquanto, não tens nada, mas podes vir a ter. Eu se calhar tenho a doença e posso vir a ter qualquer coisa má ou não.

NETA - Não disse nada.

DR. *(sentando-se na cadeira dele e começando a imitá-lo)* - Mas qual doença?

AVÔ - A que matou a minha filha!

DR. - Mas que doença é?

AVÔ - É a doença que nós passamos na família!

DR. - Mas como é que sabe que tem uma doença que passa na família?

AVÔ - Foi o sotôr que nos disse!

DR. - Mas qual sotôr?

AVÔ *(apontando para ele)* - Você! Logo ao início! Não me diga que já não se lembra!

O DR. abre a boca, mas fica sem resposta. A NETA levanta-se.

NETA *(agarrando a mão do DR.)* - Vamos embora, avô, que este senhor não nos percebe!

CATORZE

Três investigadores. Trazem um contentor com partes de galinha e porco. Trazem um tabuleiro com instrumentos de análise. Instalam-se e distribuem os instrumentos. Analisam os tecidos de forma séria. Colaboram enquanto equipa, trocando de lugares e de instrumentos.

Subitamente o trabalho perde seriedade: os investigadores cumprimentam-se e acariciam-se com as patas de galinha, que também servem de brincos; faz-se malabarismo com os pedaços de carne; um coração de porco bate de amor e é depois empunhado por um protagonista de Shakespeare em récita; um duelo de espadas improvisadas com os instrumentos de análise termina com o coração trespassado. O coração é levado para reanimação cardíaca; o ritmo da reanimação transforma-se em batida de discoteca e alimenta uma festa. O coração não sobrevive; os investigadores, tristes, despedem-se dele e depositam-no de volta no contentor, em jeito de funeral.

QUINZE

O DIRETOR de um laboratório, uma INVESTIGADORA principal e um ESTAGIÁRIO estão numa sala de pressão positiva. Algures no chão vê-se uma grande e exótica pena de pássaro. Os três cientistas descontaminam-se.

DIRETOR - Dois anos! *(levantando os braços)* Descontaminado.

ESTAGIÁRIO - Dez horas por dia! *(levantando os braços)* Descontaminado.

INVESTIGADORA - Houve alturas em que eu só queria re-bentar com isto tudo! *(levantando os braços)* Descontaminada. Tantos sacrifícios que ficaram para trás...

ESTAGIÁRIO - Aniversários perdidos, natais... *(melancólico)* até funerais!

DIRETOR - Mas tanta glória à nossa frente!

O ESTAGIÁRIO vê a pena.

INVESTIGADORA - Resultados validados, imprensa, publicações!

DIRETOR - Sponsors, fama!

INVESTIGADORA - Tudo validado!

A INVESTIGADORA e o DIRETOR olham embevecidos para um recipiente enquanto o ESTAGIÁRIO tenta chamar a atenção para a pena. Os outros reparam, finalmente. Os três rodeiam a pena, estupefactos. O DIRETOR pega nela.

ESTAGIÁRIO - Eu diria que é uma pena.

DIRETOR (*para a INVESTIGADORA*) - Isto é uma sala de pressão positiva. Aqui não entra uma bactéria. E entrou uma pena?

INVESTIGADORA (*gaguejando e hiperventilando*) - É uma pena, uma pena, uma p... Tem que haver uma explicação racional!

ESTAGIÁRIO - Tenha calma. Respire!

INVESTIGADORA (*ajoelhando-se e gritando*) - É uma pena! Uma pena!

ESTAGIÁRIO - Tenha calma. Podemos... afastar a pena? (*abana os braços e pernas, tentando fazer mover a pena*)

DIRETOR - Doutora, explique ao seu assistente a gravidade da situação, já que ele parece acreditar que afastando a pena irá validar os resultados.

ESTAGIÁRIO - Os resultados? Mas nós temos dezoito resultados para apresentar! A pena não vai prejudicar tudo... pois não?

DIRETOR - A responsabilidade não é minha.

ESTAGIÁRIO - Anos de sacrifício!

INVESTIGADORA (*para o ESTAGIÁRIO*) - Ai, não me venha outra vez com a morte dos seus paizinhos!

DIRETOR - Calma, Doutora. Nós somos uma equipa, temos cultura, temos balneário, aqui não existe o conceito de desistir!

ESTAGIÁRIO - Mas existe uma pena.

INVESTIGADORA - Resolve-se. A pena... *(aproxima-se da pena)*
resolve-se!

ESTAGIÁRIO - Resolve-se? Resolve-se como?

A INVESTIGADORA agarra a pena e troca um olhar cúmplice com o DIRETOR.

ESTAGIÁRIO - Vocês não me podem deixar de fora desta decisão! Eu também assinei o artigo.

INVESTIGADORA - Assinámos todos, meu querido.

DIRETOR - É preciso fazer concessões.

INVESTIGADORA - A verdade é uma coisa muito difícil de sintetizar... *(pisa a pena e arrasta-a debaixo do pé, tentando ocultá-la)*

ESTAGIÁRIO - Não!

DIRETOR *(para a INVESTIGADORA)* - É como eu digo sempre: a democracia num laboratório é uma coisa muito chata de gerir.

ESTAGIÁRIO - Não!

INVESTIGADORA *(para o ESTAGIÁRIO)* - Não? Não o quê? Quer enterrar a sua carreira? Quer ir trabalhar para as urgências dum hospital público? Um cientista como você?

DIRETOR *(ajoelhando-se dramaticamente)* - Quer ver-me a fazer haraquiri por causa de uma vergonha destas?

ESTAGIÁRIO - Não... mas...

Silêncio.

DIRETOR - Ora vamos lá então pôr os pontos nos... *(faz o gesto de colocar os pontos nos i's)*

INVESTIGADORA - A pena desaparece!

ESTAGIÁRIO - Desaparece como?

INVESTIGADORA - Alguém vai ter de a engolir.

DIRETOR (*afastando-se*) - Eu preferia não me envolver diretamente nesta solução.

A INVESTIGADORA olha para o ESTAGIÁRIO fixamente.

ESTAGIÁRIO - Eu não vou engolir a pena sozinho!

INVESTIGADORA - Então, somos uma equipa ou não somos uma equipa? (*olham uns para os outros*) Vá lá, engolimos a pena todos juntos.

Dividem a pena em três: um bocado pequeno para o DIRETOR, um bocado médio para a INVESTIGADORA, um bocado grande para o ESTAGIÁRIO. Engolem a pena devagarinho e com dificuldade.

DEZASSEIS

Dois médicos exemplificam dois casos clínicos, intervindo sobre os corpos de um homem e de uma mulher. Vão lendo alternadamente a informação num relatório.

MÉDICO 1 (*lendo relatório*) - A paciente apresentou-se aos serviços com um quadro típico de cardiopatia congénita, implicando substituição de válvulas, reparação de artérias e até um transplante completo.

ELA - Não, não! Isso não!

MÉDICO 2 (*lendo relatório*) - O paciente apresentou-se aos serviços com um quadro típico de hipocondria, queixando-se de numerosas patologias graves de carácter oncológico, neurológico, respiratório, alérgico, entre outras.

ELE - Ficou bem, não ficou? Ficou bem?

MÉDICO 1 (*lendo relatório*) - No momento das várias cirurgias agendadas, a paciente apresentou sempre estados agudos de ansiedade que impediram a concretização das intervenções. Contra todas as probabilidades, a paciente foi sobrevivendo sem qualquer intervenção cirúrgica.

ELA - Não corta, não vale a pena, não é preciso.

MÉDICO 2 (*lendo relatório*) - Colocado sob observação, o paciente não revelou sintomas de nenhuma das patologias ini-

cialmente temidas. A intervenção dos colegas da Psiquiatria assinalou apenas uma “consciência aguda da sua própria fragilidade” e uma “forte determinação em eliminar todos os fatores de risco”.

ELE - É um simples corte, é necessário, tem de ser substituído.

MÉDICO 1 (*lendo relatório*) - A intervenção dos colegas da Psiquiatria permitiu compreender que a paciente recusa qualquer quadro de substituição de válvulas, implantação de pacemaker ou transplante, por temer a “perda de identidade emocional”.

ELA - Mexer no meu coração? Mexer no meu coração?!

MÉDICO 2 (*lendo relatório*) - Em momentos posteriores, o paciente apresentou-se aos serviços de urgência após sucessivos acidentes que conduziam forçosamente à amputação de vários membros. Existe a forte suspeita que o paciente tenha provocado os alegados acidentes para forçar a colocação de próteses.

ELE - Foram acidentes! Acidentes. E depois... uma coisa levou à outra.

MÉDICO 1 (*lendo relatório*) - O quadro clínico foi cuidadosamente explicado à paciente, mas esta manteve-se inflexível na sua decisão de não deixar que lhe “mexessem no coração”. O prognóstico mantém-se reservado.

ELA - Não autorizo. O meu coração nas vossas mãos? Não autorizo.

MÉDICO 2 (*lendo relatório*) - O paciente - cuja ansiedade diminuiu com cada intervenção - desenvolveu entretanto competências relevantes no campo da biotecnologia e robótica. Atualmente depende em mais de 80% de próteses tecnologicamente inovadoras que manipula com grande destreza.

ELE - Ainda acho que há ligações à robótica que não explorámos devidamente.

DEZASSETE

MR. ALZHEIMER, uma pessoa que não se lembra de nada, e DON FUNES, uma pessoa que se lembra de tudo, são confrontados com imagens, numa espécie de concurso de lembranças. Imagem de uma praia.

MR. ALZHEIMER (*hesita*) - É... é o mar... e é...

DON FUNES - O último verão na Marinha Grande, a praia tinha umas rochas mais a sul que se tornavam visíveis à quarta hora da maré baixa. Eu comia sempre Cornettos. Quase sempre de chocolate. Às vezes de morango. De vez em quando de nata. Mas sempre Cornettos. Os meus amigos nunca comiam Cornettos. Comiam dos outros, dos de pauzinho: Super Maxi, Perna de pau, Fizz Limão. Era desagradável. Eles todos com os de pauzinho e eu sozinho com o meu Cornetto. Depois percebi que ou deixava de comer Cornettos ou mudava de amigos. A praia era linda, linda.

MR. ALZHEIMER - Linda... muito linda...

Imagem de José Sócrates.

MR. ALZHEIMER - É um senhor... eu lembro-me... parece... uma gravata...

DON FUNES (*tentando sussurrar a resposta a Mr. Alzheimer*) - Sócrates, Sócrates. (*normalmente*) José Sócrates. Antigo Secretário-Geral do Partido Socialista. Primeiro-Ministro de

março de 2005 a junho de 2011 no XVII e XVIII governos constitucionais. Foi-se embora para Paris e deixou Portugal à beira da bancarrota. Passou a exercer atividade como comentador num canal público de televisão. Aquela gravata é igual a uma que o meu pai só usou oito vezes.

MR. ALZHEIMER - É! É a gravata do meu pai...

Imagem de um engarrafamento.

DON FUNES (*sem deixar que MR. ALZHEIMER abra a boca*) - Engarrafamento. Na primeira viagem que fiz a Lisboa. Com o meu pai. Ficámos parados atrás de um autocarro. Matrícula 79 - 08 - BN. Estavam uns velhotes no banco de trás do autocarro que olhavam para nós e faziam sinais e acenavam, mas eu não lhes respondia. À minha direita estava uma senhora num carro verde, um Seat Marbella - não dava para ver a matrícula - que colocava baton e olhava para cima, para o espelho.

Imagem de Valter Brandão com camisola do Sporting.

MR. ALZHEIMER - Do Sporting? É do Sporting?

DON FUNES - O sr. Valter, uma glória do desporto de Espinho. Jogou hóquei em patins, voleibol e sobretudo futebol. Jogador do Espinho, foi transferido para o Sporting - anos 50, as transferências eram muito complicadas - transferido para substituir um dos cinco violinos. Marca um golo ao Porto, que muitos continuam a dizer que terá sido com a mão mas que ele garante que não foi. Depois arranjou um emprego na Solverde.

MR. ALZHEIMER diz que sim, como se se lembrasse de tudo.

Imagem do ataque ao World Trade Center.

MR. ALZHEIMER - Está a sair fumo... está...

DON FUNES (*tentando sussurrar a resposta a MR. ALZHEIMER*)

- 11 de Setembro, 11 de Setembro. (*normalmente*) 11 de Setembro de 2001. Uma terça-feira. Ataque coordenado da Al-Qaeda contra as torres do World Trade Center. O vôo 11 da American Airlines na Torre Norte e o 175 da United Airlines contra a Torre Sul. A minha mãe tinha feito arroz de pato para o almoço e a partir dessa altura introduziu-se o controlo de dados biométricos nos aeroportos.

MR. ALZHEIMER - Morreram pessoas...? Pessoas?

Imagem de um velório.

MR. ALZHEIMER - É uma banheira? Está na banheira, não está?

DON FUNES - Um caixão. Está no caixão. O meu avô deitado, com o fato azul marinho que usava nos casamentos e baptizados. O meu pai a dar-me a mão e uma sucessão de abraços com cheiro a tabaco e perfumes: (*recordando a ordem dos abraços*) baunilha, canela, tabaco, patchouli, tabaco, tabaco, noz-moscada, baunilha outra vez, tabaco, limão, noz-moscada, tabaco, tabaco, tabaco, tangerina, outra tangerina seguida, partilharam o perfume, manjeriço, lima, tabaco, cravo, tabaco, tabaco.

MR. ALZHEIMER - O caixão de quem?

DEZOITO

Um HOMEM de meia idade faz uma apresentação, apoiado por um power point. Dirige-se à plateia. A projeção mostra gráficos diversos.

HOMEM - 0,5 %. Fixem este número. Fixem este número porque vamos acabar com ele. Os números da Organização Mundial de Saúde demonstram que a percentagem de mulheres que em Portugal vai sofrer de cancro na mama é de 0,5%. Zero vírgula cinco por cento! Pensem nisso. É uma percentagem muito significativa. Significa uma em cada 200 mulheres.

A projeção mostra fotos de dezenas de mulheres.

HOMEM - Eu tenho duas irmãs. Tenho duas filhas. E a minha esposa. São as cinco mulheres mais importantes da minha vida. Será que alguma delas terá que enfrentar um cancro da mama?

A projeção continua a mostrar gráficos.

HOMEM - E, em cada 200 mulheres efetivamente com cancro da mama, pelo menos 26 irão morrer. Vinte e seis! E todas elas terão que suportar tratamentos terríveis e desgastantes do ponto de vista físico e psicológico. E, claro, muitas terão que fazer mastectomias, vivendo o resto da vida com a sensação de perda. Ok, dizem vocês, isso até pode ser verdade, mas há imensas mulheres perfeitamente saudáveis. Sim, é verdade. Mas serão cada vez mais as mulheres doentes.

A projeção mostra gráficos com dados oficiais.

HOMEM - A Agência Internacional para a Pesquisa do Cancro já avançou os números para Portugal. Vejam: 6479 casos em 2020... 6834 em 2030... sabe-se lá a que números chegaremos no final do século!

A projeção mostra gráficos especulativos.

HOMEM - 10 000? 15 000? 30 000?

A projeção mostra a imagem de duas mamas como bombas-relógio.

HOMEM - E é agora que eu pergunto: Para quê?

A projeção mostra imagens de leões a amamentar.

HOMEM - Ok, respondem vocês, porque é essencial para a amamentação. Mas será mesmo assim? Afinal, não queremos todos o que é melhor para todos? E cada um de nós não quer o melhor para si? E se fosse possível, à nascença, inibir o crescimento das glândulas mamárias das fêmeas, para que se desenvolvessem exatamente do mesmo modo das glândulas dos machos? Sabem qual é a taxa de incidência do cancro da mama nos homens? Adivinham? *(pausa)* Eu digo: 1 em 20 000! Portanto, se multiplicarmos pela taxa de sobrevivência, é uma morte em cada 200 000 homens. Isto quer dizer que é mais provável ser atropelado no deserto do Sahara do que morrer de cancro de mama. Se formos homens, claro! Ok, dizem vocês, mas o leite materno tem propriedades importantes para a imunidade do bebé. Im-

portantes sim, mas determinantes não. Ok, vocês outra vez, mas e os laços afetivos da amamentação, o cheiro, a relação? Perguntem a uma mãe que optou pelo biberão se acha que os laços com o filho são menores. E mais, pensem agora pelo lado do bebê: prefiro um peito com um risco assustador de cancro para a minha mãe ou um biberão sem risco nenhum? Parece óbvio, não? Esperem, estou a esquecer-me de uma coisa. Se calhar as mulheres iam ficar menos bonitas? Porquê?

A projeção mostra imagens de mulheres com tamanhos de peito diversos.

HOMEM - Uma mulher com glândulas mamárias maiores é mais bonita do que uma que as tem menores? E os homens não são bonitos por as suas glândulas não se desenvolverem? Afinal, a questão essencial é biológica ou cultural? E é justo as mulheres morrerem por uma questão estética?

A projeção mostra imagens de mulheres sem peito.

HOMEM - Pensem: um mundo sem cancro da mama. Sem dor, sem trauma, sem radioterapia e quimioterapia. Um mundo sem mastectomias. Sem a dor de perder um ente querido. Sem o sofrimento de morrermos antes dos nossos filhos crescerem. Não queremos todos o que é melhor para todos? E cada um de nós não quer o melhor para si? *(pausa)*

A projeção mostra o número 4.

HOMEM - Durante o dia de hoje, morreram em Portugal 4 mulheres com cancro da mama. Não sei os seus nomes, mas sei que não valeu a pena. Vamos inibir o crescimento das glândulas mamárias femininas. Vamos vencer o cancro. Obrigado!

DEZANOVE

Um HOMEM e uma MULHER de meia idade, sentados numa clínica de manipulação genética, como se estivessem num restaurante. Estudam os menus. A mulher tem um anel com uma grande pedra verde.

MULHER - Não sei bem o que pedir...

HOMEM - Menina?

MULHER - Menino.

HOMEM - Menino.

Tempo.

MULHER - Só um?

HOMEM - Dois.

MULHER - Dois meninos? Um menino e uma menina? Gémeos? Um casal de gémeos?

HOMEM - Vamos num casal de gémeos. Acho que tem muita saída.

Tempo.

MULHER - Com olhos claros. A música é agradável. Gostas?

Tempo.

HOMEM - Temos que escolher a personalidade. Humor?

MULHER - É bom.

HOMEM - Então, de zero a dez, sendo zero “frio como o gelo” e dez “o bobo da festa”.

MULHER - Mas não em demasia. Há uma linha fina entre ser divertido e ser visto como maluco.

HOMEM - Sete. Paciência? De zero a dez.

MULHER - Não queria que eles fossem daquelas pessoas que abrem a janela para desatar a gritar nos semáforos.

HOMEM - Mas podem buzinar para protestar?

MULHER - Sim.

HOMEM - Cinco. Tristeza?

MULHER - Ui, eu evitava isso.

HOMEM - Se calhar só um bocadinho, para reforçar a sensação de felicidade associada à sua ausência. Dois.

MULHER - Inteligência e motivação? Separados e de zero a dez.

HOMEM - Eu acho que lhes dava mais motivação que inteligência. E obrigava-os a trabalhar para atingirem os seus objetivos.

MULHER - Oito e nove.

HOMEM - Pronto. Está feito. Escolhemos já as doenças?

MULHER - Pode ser.

HOMEM - O que é que te parece, amor? Temos de escolher uma combinação de três.

Ambos lêem a ementa, progressivamente horrorizados.

HOMEM - Tendência para AVC's, Risco acrescido de Diabetes...

MULHER - Miopia...

HOMEM - Possibilidade de Alzheimer, Possibilidade de problemas cardíacos, Risco acrescido de cancro da mama...

MULHER - Cancro da mama, Calvice precoce...

HOMEM - Tendência para a Arterioesclerose, Depressão Crónica.

MULHER - É tudo crónico! Tudo para a vida!

HOMEM - Diabetes? Para terem de andar agarrados à insulina?

MULHER - É melhor que AVCs.

HOMEM - Mas repara que nos AVCs é só uma tendência e nos diabetes é um risco acrescido.

MULHER - Para o menino eu escolhia já calvice e miopia, parecem-me as melhores.

HOMEM - Fica a faltar uma.

MULHER - O Alzheimer parece-me bem, sabes, é... porque em princípio vem mais tarde na vida.

HOMEM - Boa! Miopia, calvice e Alzheimer para o menino. E para a garota?

MULHER - Calvice não! Mas miopia sim, são irmãos...

HOMEM - Precisamos de mais duas. Risco acrescido de cancro da mama?

MULHER - Não, amor! Essa não, por favor.

HOMEM - Então, possibilidades de problemas cardíacos...

MULHER - Possibilidades... pode ser.

HOMEM - ... e tendência para Arterioesclerose.

MULHER - Tendência... está bem.

HOMEM - E isto agora é o quê? *(lê)* “Marcadores de humanidade”...

MULHER *(lendo)* - Autoconsciência, Capacidade para mudar, Atividade do neocórtex...

HOMEM - ... Sentido do futuro, Sentido do passado...

MULHER - Eu acho que os gorilas também têm isto.

HOMEM - Dizemos que sim a tudo. *(pausa)* E para acabar: A longevidade.

MULHER - Achas que eles vão querer saber isso?

HOMEM - Claro! Não seria humano não saberem.

MULHER - E nós, queremos saber isso?

HOMEM - Eu não quero surpresas. Se for para viverem muito pouco, pode nem valer a pena.

MULHER - Sabes, amor, eu já quis saber isso... mas agora não tenho tantas certezas.

Tempo.

A música do restaurante sobe de intensidade romântica.

Dão as mãos pela primeira vez.

VINTE

Três pessoas sentadas, fumando cigarros eletrônicos.

PESSOA 1 - É... agradável. (*fuma*) Agradável, não... Sim, de certo modo... agradável.

PESSOA 2 - O travo é agradável, mas ligeiramente ácido...

PESSOA 3 - Como a vida! (*sorri satisfeito*)

PESSOA 2 - O sabor é...

PESSOA 1 - Agradável.

Fumam.

PESSOA 2 - Quantos sabores existem?

PESSOA 1 - Imensos!

PESSOA 3 - O céu é o limite!

PESSOA 1 - Ou era...

Riem, afetados. Fumam.

PESSOA 1 - Olhando agora, é lamentável... (*fuma*) Não é bem “lamentável”...

PESSOA 3 - Tinha algumas expetativas?

PESSOA 1 - Expetativas de quê?

PESSOA 3 fuma. Não encontra a resposta.

PESSOA 2 - Ao início isto parecia mais fácil...

Fumam.

PESSOA 1 - Penso que provavelmente... Ou melhor, penso que seguramente... não é bem esta a palavra... (*fuma*)

PESSOA 3 - “Com toda a probabilidade”.

PESSOA 1 - Eu procurava um advérbio de modo.

PESSOA 2 - Terminado em “mente”, portanto.

PESSOA 1 - Mas dizendo a verdade.

PESSOA 3 - Possivelmente?

Fumam.

PESSOA 1 - Penso que, possivelmente, quando isto acabar... algo de mais planeado virá.

Silêncio. Fumam.

PESSOA 3 - Pode repetir?

PESSOA 1 - Possivelmente, quando isto acabar algo de mais planeado virá.

Fumam.

PESSOA 2 - Planeado?

PESSOA 3 - É duvidoso...

Fumam.

PESSOA 2 - Possivelmente, quando isto acabar algo de melhor virá.

PESSOA 1 - Melhor?

Olham uns para os outros. Desatam a rir.

PESSOA 1 - O que é preferível? Algo planeado, independentemente de ser melhor, ou algo de melhor, independentemente de ter sido planeado?

PESSOA 3 - Estamos a jogar com palavras.

PESSOA 1 - E se for novo?

PESSOA 2 - Possivelmente, quando isto acabar algo de novo virá.

Fumam.

PESSOA 2 - Não é necessariamente melhor...

PESSOA 3 - Experimente com diferente.

PESSOA 1 - Possivelmente, quando isto acabar algo de diferente virá.

Fumam.

PESSOA 3 - Melhor, novo, diferente, planeado...

PESSOA 2 - Só podemos escolher uma?

PESSOA 1 - E se for natural?

PESSOA 2 - Natural?

PESSOA 3 - Planeado pode ser natural. Se estiver na nossa natureza planear...

PESSOA 2 - Eu diria previsível.

PESSOA 3 - Previsível!

Fumam.

PESSOA 1 - Previsível é bom. Não assusta, mas também não é totalmente planeado. Dá um certo conforto.

PESSOA 3 - Estamos a ficar com palavras a mais. Temos de começar a descartar.

PESSOA 2 - Não vamos descartar o melhor, por favor!

PESSOA 3 - Eu diria que o diferente está contido no novo.

PESSOA 1 - Nem sempre!

PESSOA 2 - O planeado é necessariamente previsível, mas o contrário não...

PESSOA 1 - Recapitulando: Temos novo - que nos dá esperança -, melhor - que dá alegria -, planeado - que dá segurança -, natural - que dá harmonia -, e previsível - que dá tranquilidade. *(pausa)* Descartamos o diferente.

Silêncio.

Fumam.

PESSOA 1 - Estamos de acordo?

Fumam.

PESSOA 2 - Isto é difícil.

PESSOA 3 - E termos de decidir assim, só entre nós...

Fumam.

Expressões hesitantes, insatisfeitas.

PESSOA 1 - Se não estivermos de acordo, esperamos. Damos tempo ao tempo.

PESSOA 2 - Ponderamos melhor?

PESSOA 3 - Podemos ficar aqui mais algum tempo.

PESSOA 2 - Inevitavelmente vamos ter de escolher uma.

PESSOA 1 - Mas por agora podemos só ficar aqui... a desfrutar.

Fumam.

PESSOA 3 - Estamos de acordo.

Fumam.

FIM

(Página deixada propositadamente em branco.)

(Página deixada propositadamente em branco.)

FICHEIROS SECRETOS

Ficheiros Secretos apresentou-se de 14 a 24 de novembro de 2014 no Teatro Carlos Alberto no Porto, numa coprodução com o Teatro Nacional São João.

TEXTO E DIREÇÃO Ana Vitorino, Carlos Costa CENOGRAFIA E FIGURINOS
Inês de Carvalho BANDA SONORA ORIGINAL E SONOPLASTIA João Martins
DESENHO DE LUZ José Carlos Coelho COCRIAÇÃO Pedro Carreira
COLABORAÇÃO NA PESQUISA Ana Carvalho, Ricardo Lafuente Manufactura
Independente INTERPRETAÇÃO Ana Vitorino, Carlos Costa, Pedro
Carreira e ainda João Martins VOZ-OFF Arsélio Martins
COPRODUÇÃO Visões Úteis / TNSJ
APOIOS Centro Hospitalar de São João / Joãozinho , Norcópia
O VISÕES ÚTEIS É UMA ESTRUTURA FINANCIADA POR: GOVERNO DE PORTUGAL,
SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA, DIREÇÃO GERAL DAS ARTES





UM

Uma secção de análise de informação. No centro, uma grande mesa em cima da qual se pode ver um dossier e vários botões e fios elétricos coloridos. Atrás, uma zona de tratamento de informação escrita, onde se encontram uma máquina de escrever, uma pequena guilhotina, uma fotocopiadora e um destruidor de papel. No chão um cesto com cápsulas vazias. Ao fundo, uma grande mesa sobre a qual se encontram ecrãs, computadores, gravadores de som e outros equipamentos. À volta deste espaço de trabalho estão as cadeiras onde se sentarão os espetadores, tratados como sujeitos de estudo dos analistas. Atrás das cadeiras, alguns armários com objetos e cápsulas com informação arquivada, e carrinhos com equipamento para experiências.

Quando o público entra, os analistas A, B e C estão espalhados em torno da mesa central, envergando batas brancas. D ocupa o seu espaço ao fundo, na mesa com ecrãs. Os quatro têm intercomunicadores iguais.

A analisa um saco com borras de café. B acompanha a entrada do público tomando notas. C analisa folhas com os dados de bilheteira e bar. D controla um helicóptero que voa pela sala filmando os espetadores.

DOIS

Os analistas largam a observação dos dados de sujeitos e aproximam-se da mesa. A abre o dossier. Os três lêem:

A - Processo F788/13: Relatório final a 1 de Agosto de 2013. O sujeito em análise demonstrou inicialmente uma conduta profissional competente e meritória, trabalhando em prol do serviço público, aceitando o peso da responsabilidade inerente ao seu cargo e demonstrando uma tendência para a abnegação em prol da nação.

B - Num segundo momento, o sujeito incorre em atos criminosos à luz da lei vigente na altura - atos esses justificados pelo próprio com escolhas do foro ético, nomeadamente uma crença profunda na liberdade e noutros valores a ela associados.

C - Os ilícitos cometidos pelo sujeito motivam uma reação das autoridades competentes, tida por estas como proporcional à gravidade das ofensas. Consequentemente, o sujeito vê-se colocado numa situação em que as únicas alternativas à sua disposição são a fuga ou a prisão.

A - A formalização de acusações judiciais é desde o início acompanhada por controvérsia na opinião pública relativamente à legitimidade das mesmas. Esta controvérsia não permite prever com confortável margem de segurança a evolução do juízo sobre os atos do sujeito.

B - Não é assim possível, neste momento, estabelecer uma conclusão peremptória que permita o encerramento do caso. Não é também possível prever o lapso de tempo até ao aparecimento de novos dados relevantes.

C - Propõe-se por isso a suspensão da análise do caso, acompanhada de monitorização assídua dos sinais relacionados.

Olham uns para os outros. Pousam o dossier na mesa.

Regressam ao que estavam a fazer.

TRÊS

A traz um carrinho e dispõe material para analisar melhor as borras de café. B vai para a máquina de escrever e edita os dados relativos ao tempo de entrada do público. C expõe os dados já editados que vieram do exterior (bilheteiras), os dados já cristalizados (produção/financiamento do teste) e ficcionados (utilização do WC do teatro).

C - A informação disponível indica que relativamente a esta sessão em particular, contamos com X sujeitos (*o total de público*), sendo que a presença de Z deles (*os convidados*) é suportada pela organização. A informação reservada, aponta para os WC terem sido utilizados por 16 sujeitos, 37,5% masculinos e 62,5% femininos, com predomínio da utilização, respetivamente, do primeiro urinol à direita e do segundo compartimento à esquerda, tendo sido contabilizadas 37 descargas de autoclismos. A informação aberta permite-nos associar a este programa de testes um custo direto de 12 015 euros, ao qual terá de ser associada uma afetação indefinida dos custos fixos das entidades envolvidas. *B termina a sua edição, arranca a folha da máquina e expõe a informação que acabou de editar.*

B - A distribuição dos sujeitos na sala decorreu de forma _____ (*regular/irregular*), observando-se um predomínio de preferência pelos assentos do _____ (*centro/ lado esquerdo/ lado direito*). A distribuição foi feita num intervalo de tempo _____ (*curto/médio/longo*), preenchido maioritariamente com _____ (*conversa, murmúrios, risos, a observação silenciosa do espaço*). Não existiram ocorrências extraordinárias dignas de nota.

A termina a análise das borras.

A - Concluído.

B - Marca do café?

A - Delta.

C - Confere.

B - Lote?

A - Prata.

C - Confere.

B - Tipo?

A - Mistura de robusta...não, isto não está a correr bem.

C - O que é que se passa?

A - A amostra não é pura. Foi contaminada. Misturaram as borras do café com as borras do descafeinado.

C - Recomendar separação do café e do descafeinado.

B - Proveniência?

A - Diversas. Não definível. Predomínio da América do Sul... talvez.

C - Indefinida.

B - Quantidade?

A - Sete doses.

C - Não confere.

A e B - ...?

C - A faturação indica apenas 5 vendas. *(passa as suas folhas a B)*

B - Bem, poderemos então deduzir que *(para o intercom)*: A

- Nem todos os sujeitos pagaram; ou B - Existiu consumo não declarado por elementos da organização.

C - Confere. *(vai buscar uma cápsula vazia ao cesto)*

A - Arquivamos?

B - Arquivamos. *(enrola todas as folhas de dados do público)*

A - Compactamos?

C - Compactamos.

A *(no intercom, para D)* - Compactar!

Ouve-se um som de alarme. B e C viram-se, tapam os ouvidos em posição de proteção. A esmaga borras com um martelo. Guarda amostra compactada e material de análise no carrinho e leva-o para fora.

C e B encapsulam os factos. C leva cápsula para o armário.

Ouve-se o som que alerta para o trabalho de administração de testes. A prepara-se para tomar notas. B e C demonstram com cadeados que têm no bolso da bata.

D *(off)* - O desafio que se segue vai testar o modo como raciocina numa situação de pressão. Tem 30 segundos para

descobrir a solução do cadeado que se encontra fixado na perna direita traseira da sua cadeira. Como divide o tempo é da sua responsabilidade ainda que seja aconselhável dedicar atenção a cada um dos 3 rotores.

Os 30 segundos começam a contar após ouvir uma campainha e a palavra COMEÇAR. Se conseguir desbloquear o cadeado deverá levantar o braço. No final dos 30 segundos soar novamente a campainha bem como a palavra TERMINAR. A partir deste momento não deverá voltar a interagir com o cadeado da sua cadeira. Para efeito do exercício, por favor trate esta situação como real e comporte-se como se comportaria numa situação semelhante na realidade.

(...) Start.

C - Começar.

A toma nota da reação do público.

D (off) - Stop!

B - Terminar.

Os três juntam-se. Comparam as notas de A.

Depois olham para o dossier.

C - Parece-me que estamos perante uma realidade em mutação.

A - Sim. Mas um facto é um facto é um facto.

C - Tivemos acesso a alguns factos a que não demos o devido relevo.

B - E entretanto temos factos novos.

A - Pessoalmente eu acho que -

C (*pressionando um botão na mesa para cortar a comunicação*) -
Pessoalmente?

A - Não. (*C retoma a comunicação aberta*) Objetivamente.
Eu acho que devíamos voltar ao início.

B - Voltamos ao início?

C - Voltamos ao início.

QUATRO

A (*lendo*) - Processo F788/13 / Primeira Parte

Sujeito: Turing, Alan.

B - Segundo nome?

A - Mathison. Informação Inicial:

“Turing, Alan Mathison, 23 de Junho de 1912. Matemático, lógico, criptoanalista e cientista de computação britânico. Durante a Segunda Guerra Mundial, Turing trabalhou para a inteligência britânica e planeou uma série de técnicas para quebrar os códigos alemães, nomeadamente os produzidos pela máquina Enigma. Utilizada pelos nazis, a Enigma permitia a codificação complexa de mensagens mediante a utilização de um sistema com pelo menos três rotores em sequência. O contributo de Alan Turing revelou-se essencial para a vitória Aliada na II Guerra Mundial e a derrota de Adolf Hitler. No trabalho que desenvolveu após a guerra, (*C vai a um armário e traz para a mesa uma fita de computação*) formalizou o conceito de algoritmo e desempenhou um papel essencial na criação do computador moderno, do qual é frequentemente considerado “Pai”. (*B vai a um armário e traz para a mesa um saco com papel cortado em tiras*) Em sua homenagem, é atribuído desde 1966 o “Prémio Turing”, considerado o Prémio Nobel da Computação.

B (*lendo*) - Informação que foi considerada irrelevante:

Em 1952 foi condenado por homossexualidade e sentenciado a castração química. *(C vai a um armário e traz para a mesa um soutien)* Foi forçado a fazer tratamento com hormonas femininas, o que lhe causou impotência e o desenvolvimento dos seios.

Em 1954, Turing foi encontrado morto no seu quarto, *(A vai a um armário e traz para a mesa uma maçã)* envenenado com cianeto, encontrando-se uma maçã meia comida na cabeceira a seu lado. A tese do suicídio foi considerada a mais provável. Alguns conhecidos consideraram a sua morte uma possível referência à história “Branca de Neve”, o conto de fadas favorito de Turing. A maçã nunca foi testada para a presença de cianeto.”

C (lendo) - Informação recebida após a conclusão do processo: “O governo britânico confirmou que apoiará uma proposta de lei que irá perdoar postumamente Alan Turing. O anúncio marca uma mudança de conduta do governo, que ainda o ano passado recusou atribuir perdões póstumos a cerca de 49,000 homens homossexuais, que foram condenados ao abrigo do Criminal Law Amendment Act de 1885. Alguns académicos estão mesmo a solicitar uma reabertura do inquérito que declarou a sua morte como suicídio, apesar de não ter sido encontrada nenhuma nota de suicídio.”

A - Novas conclusões?

B - Em primeiro lugar temos que o sujeito Turing, que antes se apresentava como culpado, surge agora desculpabilizado.

C - Diria antes desculpado.

B - Mas isso não o torna inocente.

C - Inocente propriamente não. Talvez inocentado.

B - Em segundo lugar, passam a existir três hipóteses relativas à sua morte: **A** - O sujeito Turing terá cometido suicídio, ingerindo cianeto; **B** - O sujeito Turing terá sido vítima de ingestão acidental de cianeto; **C** - O sujeito Turing terá sido envenenado com cianeto pelos nossos colegas do MI5...

A - ... ou pelo menos terão indicado ao sujeito que o suicídio seria a única saída aceitável dado o seu comportamento.

B - ... portanto um acidente induzido...?

C - ... ou um auxílio ao suicídio ...?

A - ... ou um homicídio com assistência da vítima?

B - Em terceiro lugar temos a questão da Branca de Neve.

A - Permitem-me que cite?

C - Vai ler a “Branca de Neve”?

A - Não é necessário. (*citando*) “A velhinha dirigiu-se à casa dos sete anões”

C - Sabe de cor?

A - Só a cena da bruxa. (*citando*) “A velhinha dirigiu-se à casa dos sete anões com um cesto de bonitas maçãs vermelhas: Tenho maçãs saborosas e vermelhinhas para vender, disse ela. A Branca de Neve estava à janela e não resistiu a

ficar com uma. Mas assim que a trincou, caiu desmaiada no chão. A maçã tinha sido envenenada.”

C - A velhinha é uma bruxa?

A - Não. A velhinha é a Rainha disfarçada.

B - E quem é que se disfarça?

A - Os travestis.

C - E os Agentes Secretos.

B - Confere.

Silêncio. Mal estar geral.

A - Isto não tem sentido. Pelo menos agora ainda não tem sentido.

CINCO

Ouve-se o som que alerta para o trabalho das cápsulas. C vai buscar uma cápsula. Abre e B tira a folha.

B (lê) - “Facto: Os humanos partilham 60% do seu ADN com a banana.”

Pensam.

A - Mas se o ser humano é 60% banana, isso não significa que a banana seja 60% humana. Imaginemos uma banana (*desenha*): tem x por cento de homem, mas terá por certo outras percentagens de outros seres vivos, por exemplo, 20%...

B - Pato.

A (escreve) - 20 % pato...

C - Pepino.

A - 20% pepino.

B - Cárie.

A - A cárie é o resultado da ação de certos seres vivos. Vamos pôr (*escreve*) 20% bactérias... Mais 20% de...

B - Algodão.

A - Algodão... pode ser. Portanto (*B dirige-se à máquina de escrever*), resta-lhe apenas 20% de homem. Ou seja...

C (ditando a conclusão) - O facto não nos permite deduzir o seu contrário.

B (escrevendo) - O facto não nos permite deduzir o seu contrário.

A observa o papel em silêncio.

C - Então?

A - Isto é perturbador... não sei bem porquê... *(lê)* “Facto: “Onze letras” escreve-se com dez letras; “catorze letras” escreve-se com treze letras, “dezassex letras” escreve-se com quinze letras.

C - Estranho...

B *(saindo da máquina)* - Há um padrão...

A - Parece... Não, esperem! *(passa o papel a B e escrevinha)* “Doze letras” escreve-se com 10 letras! Deviam ser 11!

C - Então não há padrão!

A - E “treze letras” escreve-se com 11 letras! Deviam ser 12.

B - Não há padrão.

A - E “quinze letras” escreve-se com 12 letras! *(satisfeito)* Não há padrão!

B - Foi só uma ameaça de padrão.

C - É destruir! “Não relevante!”

B guilhotina o papel, A tira da máquina a Conclusão 1 e entrega-a a B, que lhe entrega o Facto 2. A destroi o Facto 2 no destruidor. B dá o Facto 1 e Conclusão a C, que os guarda na cápsula, leva-a para o armário e traz outra. A tira a folha e lê:

A - “Facto: Regra geral, demora mais tempo contar uma mentira do que contar uma verdade.”

B - Muito fácil de comprovar! Façam-me duas perguntas. A minha resposta vai ser “Em geral prefiro frio”. Pensem nas

perguntas de modo a fazer-me dizer a verdade e mentir. E cronometrem.

A prepara-se para cronometrar com um botão da mesa.

C - Como é que prefere beber o seu ice-tea? Quente ou frio?

B - “Em geral prefiro frio.”

D (*no intercom*) - Três segundos e duas centésimas.

C - Quando chega a casa num dia de chuva, em pleno Inverno, está a pingar da cabeça aos pés, a temperatura é de dois ou três graus, como é que prefere o seu banho? Quente ou frio?

B - “Em geral prefiro frio.”

D (*no intercom*) - Três segundos e nove centésimas.

C - São 7 centésimas a mais!

B - Chega perfeitamente!

C (*pegando na folha*) - Comprovado!

A - Comprovado!

C - “Facto: A melhor maneira de roubar uma palavra-passe é espreitar por cima do ombro do utilizador.”

A - Não compreendo.

B - É simples: Por muito boa que seja a palavra-passe (*passa nas costas de C*), basta uma pequena distração e... (*chama a atenção de C de um lado e, pelo outro, arranca-lhe a folha das mãos*)

A - Claro, é sempre o elemento humano que falha.

B vai guardar a cápsula no armário. A e C tiram as batas.

SEIS

Simulando uma conversa telefônica com o apoio técnico:

C - Perdi a minha palavra-passe, preciso de definir uma nova.

A - Perdeu?

C - Perdi. Fiquei sem ela. Quero dizer... esqueci-me.

A - Esqueceu-se...

C - Posso definir uma nova?

A - Com certeza. Pode dar-me o código de desbloqueio?

C - O código de... O que é isso?

A - Ao definir a conta definiu também um código de desbloqueio para este tipo de situação.

C - Não me lembro.

A - Geralmente é a resposta a uma pergunta simples, como “Qual o nome do seu melhor amigo?”

C - Ah, e o que é que eu disse?

A e B riem em silêncio.

A - Isso não sabemos, só você sabe a resposta.

C - Exato. Então... o Zé? O Manel? O Renato?

A - Não.

C - A... Isabel?

A - Isabel com s ou z?

C - S acho eu...

A - Não!

C - Então Z...

A - Também não.

C - Assim é difícil, não é possível desbloquear de outra maneira?

A - Pode dizer-me a sua data de nascimento? DD/MM/AA, por favor.

C - Certo. Um, três, um... zero, espere... “DD/MM”... isso, zero... um seis e um/

A - Já tem números a mais!

C - Não, quero dizer, no final é “seis, nove”.

A - Disse “um, seis”...

C - Não era “um um” era um de “1”, mas era um “seis”...

A - Dê-me antes o seu NIF.

C - 144191113

Silêncio.

C - Precisa de mais alguma coisa? A morada, o nome completo...?

A - Não obrigado, não é necessário. Através do NIF já posso ver aqui toda a sua informação. Está então preparado para definir uma nova palavra-passe?

C - Sim: 12345.

A e B riem em silêncio.

C - Estou?

B - Essa palavra-passe já está a ser usada.

C - Então... 123456.

B - Essa palavra-passe já está a ser usada.

C - Então...

B - Também já estão a ser usadas as seguintes: “1234567”, “1234”, “palavra-passe”, “1,2,3,4,5,6,7,8” e... “qwerty”.

C - É difícil assim...

A - O melhor é definir qualquer coisa original, até por uma razão de segurança.

B - Pense em qualquer coisa que só você sabe. Um desejo, uma memória...

C - Ah... sim, estou a pensar numa coisa.

B - Só você é que sabe?

C - Sim, nunca confessei isto a ninguém.

B - Muito bem, então diga-nos.

C - Digo?!

A - Oh, não se preocupe, nós não estamos a ouvir!

B - Estamos a escutar, mas não estamos a ouvir. Estamos a trabalhar. É como se não estivéssemos aqui. Só nos interessa ajudá-lo.

C - Bom, então... Quando eu fui à Eurodisney com a minha família... havia muita gente na fila para pedir um autógrafa e dar um beijinho à Cinderela... a princesa... e eu... não disse nada, mas tive muita vontade de ir para a fila.

Silêncio.

C - Estou?

A - Muito bem. Agora o que fazemos é decompor essa memória que só você conhece numa série de termos abreviados.

A sequência desses termos será a sua nova palavra-passe.

C - Percebo...

A e B trabalham com murmúrios.

A - Temos Cinderela... pode ser Cind... Cin...

B - Mas ele não foi lá...

A - Cin mas...

B - Temos uma fila...

A - Muita gente...

B - Turba...

A - Cinmasturb...

B - Precisamos de um número, para reforçar a segurança.

A - Underscore...

B - Quantos eram, na sua família?

C - Quatro.

A - A sua nova palavra-passe; faça favor de memorizar:
Cinmasturb_4

C - O quê? Mas o que é que isso tem a ver...?

B - A memória é sua, nós não sabemos nada. Foi o desejo que escolheu, e é dele que se vai lembrar sempre que aceder ao nosso site.

C - Eu não me vou lembrar disso... não tem nada a ver com... Oçam, eu quero outra palavra-passe qualquer!

A - Quer que geremos uma palavra-passe aleatória?

C - Sim!

A - Com certeza, só um momento. *(silêncio)* Vou então dar-lhe a sua nova palavra-passe. Tem de a memorizar porque a partir de agora não poderá mais aceder a ela de outro modo.

C - Muito bem.

A - pQrdd76xi

C - pQrdd76xi. Está!

A - Agora só falta definir a pergunta de segurança.

C - Pergunta?

A - Sim, caso precise de desbloquear novamente.

C - Muito bem, qual é a pergunta?

A e B riem em silêncio.

C - Estou?

A - O senhor é que decide a pergunta.

B - Nós aqui só tomamos nota, não decidimos nada.

A - Convém ser qualquer coisa que não consiga esquecer.

B - Mas cuja resposta não seja fácil.

C - Como por exemplo?

B - Com que idade deixou de fazer xixi nas cuecas?

Silêncio.

C (baixo) - Acho que... uns quatro anos...

A - Com que idade perdeu a virgindade?

C (ainda mais baixo) - Vinte e dois...

A (alto) - Como?

C - Vinte e dois...

A e B riem em silêncio.

B - Com que frequência toma banho?

C - Todos os dias.

B - Quantos banhos toma por semana?

C - Sete.

B - Quantos banhos toma por semana?

C - ... uns quatro...

A - Pode dizer-me a sua palavra-passe?

C (*confuso*) - Como?

B - Agora estamos só a definir a pergunta de segurança.

A - Mas se não decorou a palavra-passe que lhe dei isto não vale de nada!

C - Sim, era... pqr... perdão, p, Q maiúscula, r, dd, 5, não 6,7, não sei se nesta ordem...

A - Já não se lembra, pois não?

Silêncio.

C - Não há outro método?

B - Bom, sim. Existem outros métodos no mercado, mas não são necessariamente mais simples.

A - Se pretende segurança, não pode ter simplicidade.

B - Para além disso, são métodos que implicam um certo controlo do corpo.

C - Acho que isso para mim seria mais fácil do que memorizar.

B - Bom, então podemos experimentar a ingestão de comprimidos. Escolha uma sequência de seis cores.

A apresenta comprimidos coloridos para que C defina sequência.

C - Laranja, vermelho, verde, verde, azul, amarelo.

B - Esse passa a ser o seu código pessoal. Agora só tem de engoli-lo.

C vai engolindo os comprimidos.

A - O conteúdo dos comprimidos é ativado pelo ácido no estômago e envia um sinal de 18 bits, semelhante ao de um ECG. O sinal pode assegurar a autenticação em equipamentos digitais e dura cerca de 24h - até o comprimido sair do organismo.

B - Agora só tem de ser capaz de ativar eficazmente o ácido do estômago. Imagine que se está a aproximar do equipamento de autenticação. Comece a enervar-se com uma certa antecedência...

C (*simulando aproximar-se*) - Cabrão do preto a estacionar no meu lugar...

B - Não!

A - Isso é muito fraco!

B - Esse tipo de acusação só serve para libertar o nervosismo, projetar noutra a sua culpa. Não, tem de escolher qualquer coisa que o dilacere por dentro, que o irrite mesmo! Tem de ter a ver consigo.

C - Percebo... (*repete*) És estúpido, então deixaste o cabrão do preto estacionar no teu lugar?

B - Não!

A - Vai dar ao mesmo!

B - Tem que ter MESMO só a ver consigo! Tem de ser culpa sua, problema SEU! Pense...

A - Tem tanta coisa por onde pegar!

B - É baixinho, tem as pernas tortas...

A - Está a ficar careca, tem os dentes tortos...

B - É pitosga, está a ficar velho, tanta coisa!

C (*irritado*) - Não vales nada! És uma merda! SOU uma merda (*chega ao equipamento, que não apita*)

A - Ah, não deu...

B - Pois, faltou-lhe convicção. Este método não é para todos...

A - Podemos experimentar o método do batimento cardíaco.

C - O que é que eu tenho de fazer?

B - Nada, coloque-se frente ao equipamento. Ele vai fazer uma leitura do seu batimento cardíaco.

C *espera, pacientemente.*

A - O batimento cardíaco de cada pessoa é único - tão único, que nenhum padrão de batidas se repete.

B - Pronto, agora a única questão é que tem de reproduzir este padrão que gravou sempre que se aproximar de um aparelho de identificação.

C - Parece-me fácil...

A - Parece...

B (*segurando uma coluna contra o peito de C*) - Ora vamos lá...

Ouve-se uma batida descompassada, que vai ficando mais rápida.

B - Então, o que é isto?

C - Talvez esteja nervoso...

A (*berra*) - Acalme-se homem, se não, não funciona!

A batida aumenta.

B - Baixe-me isto! O que é que está a fazer? Controle-se!

C - Estou a tentar...

A batida aumenta mais.

B - Esqueçam!

A - Este método não é para todos...

Os três regressam à mesa. Olham para o dossier.

SETE

A (*lendo*) - Processo F788/13 / Segunda Parte

Sujeito: Snowden, Edward.

B - Segundo nome?

A - Joseph. Informação Inicial:

“Snowden, Edward Joseph, 21 de junho de 1983. Ex-analista de inteligência americano. Foi colaborador da Agência de Segurança Nacional (NSA) e ainda funcionário da Agência Central de Inteligência (CIA).

No início de 2013 Snowden revelou à imprensa (*C vai a um armário e traz para a mesa um cubo de Rubik*) detalhes de vários programas altamente confidenciais de vigilância eletrônica dos governos de Estados Unidos e Reino Unido. Os jornalistas encontraram-se com Snowden em Hong Kong, e reconheceram-no através de um cubo de Rubik que o analista tinha em sua posse. Em reação às revelações, (*B vai a um armário e traz para a mesa um conjunto de documentos assinalados como Top Secret*) o Governo dos Estados Unidos acusou-o de espionagem, roubo de propriedade do governo e comunicação intencional de informações classificadas.

No fim de junho Snowden viajou para Moscovo, onde passou mais de um mês no Aeroporto Internacional, aguardando asilo político. A 1 de agosto de 2013 (*C vai a um armário e traz para a mesa um pequeno táxi de brincar*) deixou o aeroporto

dentro de um táxi, um Sedan cinzento que não chamou as atenções, em direção a um destino que ele próprio escolheu. O táxi entrou numa estrada conhecida pelas suas filas de trânsito. *(B vai a um armário e traz para a mesa um saco com papel cortado às tiras)* Edward Snowden não voltou a ser visto.”

B *(lendo)* - Informação que foi considerada irrelevante:

“Em 2004, Snowden alistou-se nas Forças Especiais do Exército dos Estados Unidos, mas não completou o treino. Em 2006, terá afirmado que não tinha problemas em conseguir trabalho, porque era um “gênio da computação”. Em 2011 obteve um mestrado on-line. Recentemente foi recomendado para a atribuição do Prémio Nobel da Paz. Recomendação essa que será considerada em 2014.”

C *(lendo)* - Informação recebida após a conclusão do processo:

“O advogado russo de Edward Snowden garantiu que o norte-americano passa bem, dizendo que “ele é bastante sagaz e aprende rapidamente o idioma russo”.

Snowden recebeu várias ofertas de emprego, mas ainda não decidiu sobre o seu futuro. “Ele está a pensar no assunto.”, disse o advogado russo. Disse ainda que o pai do ex-analista já o visitou, e a mãe e os avós têm a mesma intenção.

Snowden aproveitou para fazer algumas viagens pela Rússia.

“Ele viaja porque está muito interessado na nossa história”.

Procura também conhecer a cultura russa por meio da

leitura de livros, tais como o “Crime e Castigo”, de Fiódor Dostoiévski. *(A vai a um armário e traz para a mesa uma cópia do “Crime e Castigo”)* “Já fiz uma lista de obras clássicas, que permitem conhecer melhor as tradições e costumes russos”, acrescenta o advogado.

Snowden disfarça-se sempre que sai de casa. “É tudo uma questão de roupas e de fazer pequenas alterações à aparência.” - disse o advogado, acrescentando: “Ele podia passar por si na rua que não o ia reconhecer.”

Olham desconfiados para os espetadores do sexo masculino.

A - Novas conclusões?

B - Mais uma vez o fluxo de dados novos inicia-se em agosto.

C *(cortando a comunicação)* - Precisamente quando encerrámos o dossier, para ir de férias.

B - Se calhar não devíamos ter ido de férias...

C - Não devíamos ter ido de férias. *(retoma a comunicação aberta)*

A - Os factos são claros quanto à sua culpa.

B - Mas há forças no... *(hesita)* como se diz... no...

A - ... no ar?

B - Não. Na...

C - ... na sombra?

B - Na sociedade civil. Forças que apontam num outro sentido.

C - E o táxi? *(pega no objeto)*

A - Um Sedan cinzento.

C - Porque terá optado por sair do aeroporto num táxi?

B - Privacidade?

C - E porque optou por um percurso suscetível de engarrafamentos?

B - Para nos confundir?

A - Não temos factos. Temos apenas alegações do seu advogado.

C - Só do seu advogado.

B - Quem é que nos garante que é mesmo o seu advogado russo?

A e C - ?

B - É um russo. Pode estar a falar pelos russos. Tudo o que nós julgamos saber foi contado pelos russos!

C (*colocando o cubo de Rubik em cima do táxi*) - E quem viu isto? Quem viu o sujeito Snowden no táxi?

A e B - ...?

C - Quem viu o sujeito Snowden a abandonar o aeroporto?

A (*consultando a informação*) - Os jornalistas?

C - Os jornalistas... ou agentes russos fazendo-se passar por jornalistas...?

A - Portanto: o sujeito Snowden pode nunca ter saído do aeroporto para Moscovo. Não há um único facto que o demonstre inequivocamente. E que sentido teria, depois de tudo o que fez, entregar-se aos russos?

B - Passamos então a ter três hipóteses relativas ao seu estatuto: (*vai passando objetos a C, que os passa a A*) A - O sujeito Snowden goza do estatuto de refugiado político na

Rússia; B - O sujeito Snowden estará a ser coagido pelos russos a permanecer no seu território; C - O sujeito Snowden já nem sequer se encontra na Rússia.

Silêncio. Mal estar geral.

A - Continua a não fazer sentido. *(olhando os objetos)*. Mas sinto que nos aproximamos de conexões relevantes entre a informação.

Ouve-se o som que alerta para o trabalho de administração de testes. A e B vão buscar um carrinho com o material para o teste: duas grandes impressões fotográficas.

D *(Off)* - O desafio que se segue vai testar o modo como analisa informação numa situação instantânea. Tem 60 segundos para observar duas imagens e descobrir as diferenças entre elas. Os 60 segundos começam a contar no momento em que se ouvir a palavra COMEÇAR. No final dos 60 segundos ouvirá a palavra TERMINAR e as imagens deixarão de estar disponíveis para consulta. Deverá memorizar as diferenças encontradas. O argumento e os dados aqui contidos não são ficcionais e não pretendem refletir uma determinada visão ou um determinado processo. Para efeito do exercício, por favor trate esta situação como real. (...) Start!

C - Começar.

A e B circulam frente ao público, em sentidos opostos, expondo as duas fotos, nas quais se vê a imagem de uma carrinha atacada

pelas forças americanas. Numa das fotos vê-se a perspectiva aérea assinalando a carrinha como um alvo a abater. Na outra foto vê-se em plano aproximado que estão duas crianças dentro da carrinha. C toma notas sobre a reação do público.

D (*off*) - Stop!

C - Terminar.

A e B arrumam o material.

OITO

Ouve-se o som que alerta para o trabalho das cápsulas. C vai buscar uma cápsula. Abre e A tira uma folha.

A *(lendo)* - “Facto: Até aos anos 50 não existia sapato esquerdo e direito.” Ora essa! Será verdade?

B - Se diz aí, é porque é.

C - Mas como é que eram os sapatos?

B - Deviam ser iguais. Sempre a direito.

A - Devia ser muito desconfortável... *(imita as pessoas a andar com dois sapatos iguais)*

C - Penso que temos uma outra informação relacionada. *(vai ao armário buscar a cápsula e distribui anexos da mesma a A e B. Lendo)* “ Facto: Não existe um pé universal. O formato dos pés pode ser distinguido em maioritariamente três tipos principais, tendo em consideração o tamanho dos dedos: o pé grego, o pé egípcio e o pé romano. No pé grego *(dá uma ilustração a B)* o 2º dedo é mais comprido que o 1º e os restantes vão diminuindo em relação a ele. No pé egípcio *(dá uma ilustração a A)*, o 1º dedo é o maior e os seguintes vão diminuindo progressivamente. O pé romano *(mostra outra ilustração)* é aquele em que o 1º e o 2º dedos têm o mesmo comprimento e os seguintes vão diminuindo progressivamente.”

Descalçam-se e observam os seus próprios pés. Colocam as ilustrações no chão e vão saltitando de um lado para o outro, até encontrarem a correspondente ao seu tipo de pé.

B - Egípcio!

C - Grego!

A - Romano!

Olham uns para os outros.

A - Não é curioso sermos três e sermos representantes destas três descendências?

B - Acham que é uma coincidência?

Silêncio desconfortável. C interrompe a comunicação aberta.

C - Vocês... mostraram os pés no processo de seleção?

Os outros confirmam.

C - Eu também.

A - Não pode ser coincidência...

B - Será que há outras secções só com egípcios ou só com romanos?

C - Provavelmente.

B - E nós somos uma espécie de secção de controlo?

A - Imaginam como será uma secção só com gregos?

Riêm-se. C abre a comunicação.

C - Mas porque é que alteraram os sapatos nos anos 50?

A (*pegando na folha de factos*) - Se calhar estamos a olhar mal para estes factos. Se calhar estão todos relacionados entre si e nós não estamos a ver as ligações...

Não devíamos descartar informação sem a tentar relacionar com a precedente e a conseqüente... *(lendo)* “Facto: Por ano apertamos a mão a cerca de 7 homens que se masturbaram recentemente e esqueceram de lavar as mãos.” “Homens” no sentido “machos” ou no sentido “Pessoas”, “Humanidade”?

B - Homens, claro! Não mulheres!

C - Como é que sabe?

B - Seria muito improvável estarem a referir-se a mulheres...

A - Porquê improvável?

B - Por... vários motivos... óbvios!

C - Como quais?

B - As mulheres não se masturbam tanto, nem dão frequentemente apertos de mão! E sobretudo...

A e C - O quê?

B - São mais limpas!

A - Que disparate!

C - Que provas é que tem disso?

B - Podíamos talvez comparar com a informação sobre os sujeitos presentes recolhida no WC?

C - A nossa informação não inclui este parâmetro de observação. *(vai para a máquina de escrever)*.

A - No máximo podemos fazer uma recomendação aos serviços para que se inclua estes parâmetros na recolha dos grupos futuros.

C (*escrevendo à máquina*) - O facto não é suscetível de confirmação nesta secção.

B (*lendo*) - “Facto: O governo dos Estados Unidos tem um plano para lidar com um Apocalipse Zombie.”

A - É verdade!

B (*simultaneamente*) - Que disparete!

A - Não, não, é certamente verdade!

B - “Zombie” deve ser uma gralha!

A - Não! Os Estados Unidos têm planos para lidar com todo o tipo de Apocalipses. Eles estão preparados para tudo! Porque é que acham que as bombas de gasolina têm forma de pistola?

C - Porquê?

A - Porque em caso de um ataque desses zombies a população pode correr para as bombas e empunhar as pistolas, fazendo um lança-chamas muito eficaz!

B - Será por isso que nos anos 50 criaram os sapatos esquerdo e direito?

C - Como é que isso está relacionado?

B - É óbvio! Reparem: (*faz sinal a A para se colocar ao seu lado*) Estamos num local qualquer dos Estados Unidos, por exemplo...

A - Milwaukee.

B - Milwaukee. (*aponta para C*) O governo americano lançou um alerta para um eminente ataque de zombies.

C empunha duas cápsulas como se fossem armas.

B - Agora vejam: Downtown Milwaukee, abril de 1948.

Eu sou uma dona-de-casa a fazer as suas compras habituais. Como qualquer outra pessoa, calço dois sapatos iguais, todos direitos. Ao meu lado, no passeio, caminha um zombie.

A e B avançam para C com um andar torto.

B (para C) - Quem é que vai matar?

C (enervado) - Não consigo distinguir!

A e B voltam para trás.

B - Agora reparem: Downtown Milwaukee, outubro de 1951. Eu vou às compras na mesma, mas calço agora dois sapatos diferenciados, esquerdo e direito. Ao meu lado, no passeio, caminha um zombie.

A e B avançam para C, A com um andar torto, B a caminhar confortavelmente.

C (grita) - Cuidado, senhora! Está um zombie ao seu lado!

B desvia-se e C dispara sobre A.

C - De facto é muito mais eficaz.

B - Não pode ser coincidência!

A - Colocaram a masturbação no meio para nos baralhar, mas no fundo está tudo ligado...

C - Quanto mais olho para a informação, mais ela faz sentido.

B - Sentido já fazia. Agora começa é a fazer sentidos.

B arruma a informação sobre os pés. A guilhotina os factos, separando o facto 2 dos 1 e 3. C retira a conclusão do facto 2 da máquina de escrever e destrói-a. A entrega o facto 2 a C, que também o destrói. A entrega factos 1 e 3 a B, que os guarda na mesma cápsula da informação sobre pés. B leva cápsula para o armário. A guarda a cápsula vazia no cesto.

NOVE

Os analistas param o que estão a fazer e olham uns para os outros.

B - Seremos demasiado rigorosos?

C - Não. Estamos a trabalhar.

A - Chegamos de manhã com uma mochila pequenina, abrimos o cacifo, tiramos todos os objetos pessoais dos bolsos, metemo-los na mochila, tiramos o lanche da mochila, metemos a mochila no cacifo, vestimos a bata, fechamos o cacifo e entramos. No fim da tarde abrimos o cacifo, penduramos a bata, tiramos a mochila, guardamos os objetos pessoais, fechamos o cacifo e saímos. Nada de especial.

C - Nada de especial. Analisamos. Julgamos.

A - Mas não estamos no terreno de operações.

B - Não.

C - Eu às vezes gostava de estar no terreno de operações. Ter uma vida dupla, técnicas de combate, interrogatórios, fugas.

A - Lá fora, quando estás no terreno, a missão é uma constante mas todos os dias são diferentes. E não podes contar a ninguém.

B - Imaginem: Vocês são um casal. (*A e C tiram as batas*) Estão em casa a preparar um jantar para uns amigos que estão quase a chegar. (*aponta para C*) Ele é um agente.

C - Eu sou um agente. O que é que estamos a fazer?

B - Penne, com ricotta e funghi.

C - Mas alguém faz isso?

A - Eu faço, e até faço a minha própria pasta.

C - E é preciso fazer mesmo massa fresca?

B - Claro, o contexto tem de ser real, para ter espessura.

C - Mas os penne são muito difíceis de fazer.

B - Fettuccine, então?

C - Faz tu a massa e eu faço os cogumelos. *(trocam de lugar)*

B - OK. *(aponta para A)* Ele é um agente.

C - Eu estou a cortar os cogumelos.

A - São frescos?

C - Claro.

B simula que o telemóvel de A toca.

A *(assertivo)* - Podes ir ver quem é?

C - Mas já estás a gritar comigo?

A *(gritando)* - Eu não estou a gritar!

C - É sempre a mesma coisa, não podemos ter uma noite descontraída, comesças logo a gritar por qualquer coisa?

A - Eu só perguntei se podias ir à porta!

C - Perguntaste aos berros! Tens de ser tão bruto?

A - E tu tens de ser tão sensível?

B - Parem com isso! Para que é que estão a discutir? Não é a porta, é o telemóvel do agente!

A - Ah, não percebi. Eu não devia ter um toque especial para quando ligam da Agência?

B simula novamente o toque.

A (*para C*) - É o meu...

A finge ouvir instruções e disfarçar. Desliga e volta à massa.

A - Vou só terminar isto e depois vou ter de sair um bocadinho, está bem?

C - Sair? Estás a brincar?

A - Não imaginas! Um idiota fez uma confusão nas encomendas e se eu não for agora ao escritório resolver isto, amanhã não temos stock para poder trabalhar.

C - Mas...

A - Eu não demoro... Vais adiantando as coisas, quando eles chegarem começam a comer, e vais ver que à hora da sobremesa já cá estou.

C (*amuado*) - Combinámos isto há imenso tempo, e agora deixas-me a fazer tudo sozinho!

A (*descontrolado*) - Tu não estás a perceber! Passas o dia todo em casa sem fazer nada e não percebes que há um mundo lá fora que não pára só porque tu tens um jantar!

C - Eu não faço nada?

A - Não!

B - Não! (*para A*) Não te ponhas a discutir agora! Estás a perder tempo. O transporte está quase a chegar, e ainda tens de arranjar maneira de sair de casa com o material de escalada sem ele perceber nada!

A acalma-se.

A (*doce*) - Vá, vai abrindo uma garrafa de vinho. Vais ver que quando essa garrafa acabar, eu estou de volta para abirmos a segunda juntos.

C *sorri*. A *afasta-se, como se fosse ao quarto*.

B (*para A*) - A mala com o equipamento de escalada não está no sítio onde a guardaste.

A (*para C*) - Viste a mala rosa que tinha o equipamento de escalada?

B - Mala rosa? Porquê rosa? Por serem gays?

A (*para C*) - Viste a mala roxa que tinha o equipamento de escalada?

B - Roxa? Só para não dizer que é rosa? Põe-se uma pinta de azul no rosa e já está?

A (*para C*) - Viste a mala velha que tinha o equipamento de escalada?

C (*distraído*) - Para que é que queres agora o equipamento de escalada? Está no carro.

A *vira-se, como se fosse para a garagem*.

C - Mas a minha irmã levou o carro.

A *paralisa*. C *continua a tratar dos cogumelos*.

B - Agora é aquele momento crucial! Reacção de choque, preocupação, raiva! Por causa dele toda a missão foi comprometida. Vai ser preciso improvisar. Ele não faz ideia da gravidade da situação.

A (*entredentes*) - Estúpido!

B - Mas toda essa reacção só pode durar um segundo. E ele não pode perceber nada.

C - Porquê? Querias a mala? Para quê?

A (*simulando despreocupação*) - Não, por nada. Lembrei-me. Não tem importância. (*para B*) Os serviços vão ter de me ajudar! Têm de me arranjar algum contacto que me forneça outro material rapidamente! Mas entretanto saio.

B - E isto é só a dificuldade de sair em missão. Imaginem agora o que é voltar de uma missão para um ambiente destes!

C - Eu estou a ver televisão.

A vai buscar uma televisão portátil e entrega-a a B.

B (*para A, enquanto dá a televisão a C*) - Estás muito cansado, exausto, à beira do trauma até. Vários dos teus colegas morreram. Passaste por coisas horríveis. E quando chegas a casa... Ele está a ver as notícias acerca da operação em que tu participaste e está muito impressionado.

C (*para A*) - Já viste isto? Estes tipos são fantásticos. Estava aqui a pensar que também me podia candidatar a um trabalho destes, nos serviços secretos.

A - Estavas a pensar em quê? Tu, a trabalhar numa agência de informação?

B - Não te podes irritar! Tens de proteger o teu perfil. Fala com ele como falarias se viesses do escritório, como as outras pessoas.

A (*inspirando e sorrindo*) - Gostavas então de trabalhar numa agência de informação, meu querido?

B - Estás a ser sarcástico.

A - Gostavas de trabalhar numa agência de informação?

C - Sim, andar pelo mundo...

A - Achas que tens o que é preciso para ser um... agente?

C - Porque não? Tenho o cadastro limpo. Sou praticamente um cidadão modelo.

A - E achas que isso basta?

C - Faço desporto, sou de confiança.

A - Isso não basta. Aqui -

B (*interrompe*) - Aqui não, ali. Senão ele desconfia.

A - ALI é necessário tomar decisões em situações muito difíceis. E tens de saber distinguir o bem do mal.

C - Que exagero.

B (*tirando a tv a C*) - Dá-lhe um exemplo da tua experiência.

A - Imagina... anda, imagina: Estás no terreno, num par-dieiro qualquer, prestes a completar uma missão de recolha de informação, vital para a segurança nacional. E no momento em que já tens a informação contigo e estás prestes a ser extraído, aparece uma criança.

C - Uma criança?

A - Sim, um miúdo, de 8 ou 9 anos, moreno (*faz sinal ao B para fazer de miúdo*). E o miúdo começa a gritar.

B (*tira a bata e, a fazer de criança, grita em espanhol*) - Americano! Americano!

A - O que é que fazes?

C - Não sei.

B (*gritando*) - Americano, Americano!

C *agarra B e tapa-lhe a boca.*

A - Eliminias o miúdo ou deixas que os gritos dele acordem toda a gente e comprometam a tua extração e a recolha de informação?

C - Caramba, mas nem tudo é branco ou preto! Eu não preciso de o matar, posso agarrá-lo e impedi-lo de gritar. Não vou fazer mal a uma criança, se o puder evitar. (*larga B e faz-lhe sinal de silêncio*)

B (*grita mais alto*) - Americano, Americano!

C *volta a agarrar B.*

A - Muito bem. Poupaste a criança. Agarraste-a. Mas a criança sabe Krav Maga.

B *liberta-se.*

C - Krav quê?

B (*fazendo de criança*) - Maga!

A - Krav maga! Combate próximo. Não é um desporto. É uma técnica israelita.

C - Mas como é que funciona?

A - Sem regras. A única coisa que interessa é neutralizar o adversário o mais rapidamente possível. Apontas às partes mais vulneráveis e utilizas qualquer coisa como arma.

C - Mas como é que uma criança pode saber isso?

B - Porque os pais quiseram prepará-la para a vida, não quiseram que ela fosse uma vítima.

A - Então, poupaste a criança não foi? Repara. (*Enquanto B demonstra em C*) Primeiro: Pancada bilateral na zona vital das têmeoras e tens de a largar porque estás atordado. Segundo, transformação de objeto quotidiano em arma mortal e já tens um tendão cortado. Estás de joelho, completamente indefeso. Terceiro, salta para cima de ti e enfia os seus pequenos polegares nos teus olhos até perderes os sentidos ou as órbitas cederem.

Comprometeste a missão, perdeste a informação, foste capturado pelo inimigo. Fizeste um mau juízo. E agora, ainda por cima, vais ser interrogado.

A e B agarram C e levam-no para interrogatório. Subitamente ouve-se uma música que marca pausa para o lanche.

DEZ

Os analistas vestem as batas, separam-se e tiram do bolso da bata uns sacos com os seus lanches. Vão comer cada um para o seu banco, em silêncio.

ONZE

A música do lanche termina. Os analistas guardam a comida. A e B tiram as batas. Dirigem-se a C.

A (*retomando a cena*) - E agora, ainda por cima, vais ser interrogado!

B (*interrompe*) - Agora quero ser eu o agente!

B é colocado em posição de interrogatório. A e C vão buscar um carrinho com material. A algema B.

C - O que lhes interessa é um aeródromo: Construído na costa ocidental da europa, protegido por arame farpado e um imenso pinhal que os nativos utilizam para piqueniques domingueiros. E restrições de toda a espécie: circulação, construção, observação. E para quê? Para servir os teus aliados, para que os aviões dos teus aliados possam cruzar o mundo, de modo discreto, fazendo aqui uma paragem para reabastecer.

A (*mostrando uma foto*) - Que vôs é que fazem aqui escala?

B - Muitos.

A - O que é que transportam?

B - Mercadorias. Pessoas.

A - Mercadorias como? Armas?

B - Não sei.

A - Pessoas como? Detidas?

B - Não sei.

A - Para onde? De onde?

B - Não sei.

A - Rotas, origens, destinos?

C - As origens e destinos já fazem parte da rota.

B - Não sei.

A - Temos testemunhas, um morador, que vê tudo da sua varanda.

C mostra uma imagem do morador na tv portátil. A mostra um diagrama. Circulam à volta de B.

Morador (*em off*) - Havia vários modelos mas eu só reconhecia os F16. Muito barulho e três ou quatro juntos. Os outros deviam ser o último grito da aviação, aqueles que fazem a guerra sozinhos, se calhar invisíveis, se calhar sem piloto. Mais durante o dia, menos à noite. Mais nos períodos de conflito aberto no médio oriente.

B - Isso é tudo circunstancial. É um aeródromo! É suposto haver aviões a aterrar e levantar.

C - Eles têm fotografias aéreas, diagramas e testemunhas. Vais ter de soltar alguma coisa.

B - Eu não sei nada. Eu não digo nada.

A - Nós podemos torturar-te. Nós somos os maus.

B - Eu não falo.

C - Vais ser torturado: um saco.

A e C metem B num saco e atam-lhe a cintura.

C - Tens poucos minutos até o ar acabar. É agora que tens de escapar. Mesmo que pareça impossível.

B - Eu consigo controlar-me, lembro-me dos treinos. Sei o que tenho de fazer. Tenho uma sequência para escapar e consigo executá-la enquanto vou falando com eles.

A - Uma rota!

B - Ah... Bolívia - Luanda...

A - Estás a gozar comigo? Iam passar em São Jacinto para ir da Bolívia para Luanda?

C - Essa informação não é plausível, as rotas têm de ser no hemisfério norte, de este para oeste e de oeste para este.

B - Lá estão vocês com o vosso mundinho em que tudo se passa da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Não podia ser de Luanda para... Reiquiavique? O mundo também se organiza de norte para sul e de sul para norte. *(liberta as mãos)*

C - Muito bem. Ganhaste tempo, tiraste as algemas, agora é só eliminar o interrogador e fugir daqui para fora. Vai.

B liberta-se do saco.

B (*demonstrando com A*) - Bato-lhe nas têmeoras, corto-lhe um tendão e enfio-lhe os dedos nos olhos. (*retira o intercomunicador de A*) E fico com a arma dele.

A - Mas entra novamente a criança. (*faz sinal a C*)

B - Foda-se!

C (*gritando em espanhol*) - Americano, Americano.

A - O que é que fazes, o que é que fazes?

C (*gritando*) - Americano, Americano.

A - O que é que te pôs nesta situação?

B - Ter hesitado.

C (*gritando*) - Americano, Americano.

A - E o que é que te vai salvar?

B - Não hesitar. (*finge matar a criança com a arma*)

DOZE

Ouve-se o som que alerta para o trabalho das cápsulas. Os analistas vestem rapidamente as batas. B e C arrumam o material do interrogatório. A dirige-se ao armário e traz uma cápsula.

C (*lendo*) - “Facto: Há uma droga que consegue fazer com que uma pessoa tenha um orgasmo cada vez que boceja.”

A - Deve ser bom...

B - Bom? É terrível! Se pensarmos bem, é a pior forma de tortura possível! É uma tortura do sono muito mais refinada...

A - Pois é... Estamos a morrer de sono, começamos a adormecer e (*simula bocejar e ter um orgasmo*)

B - Que horror!

C - Nunca conseguimos mesmo dormir. Assim que começamos a (*simula um bocejo*)

Os três gemem como se estivessem a ter um orgasmo.

A - É terrível!

C - E como ainda por cima o bocejo é contagioso...

B - Na prática é uma arma de destruição massiva! Basta abrir a boca...

Simulam contagiar-se uns aos outros com bocejos.

B - Vamos medir em quanto tempo esta droga afetaria o resto da população.

Cronometram com o botão da mesa. Tentam contagiar os sujeitos / espetadores com o bocejo. Ao ver um sinal de bocejo na plateia, param o cronómetro. D enuncia no intercom quantos segundos passaram. A vai para a máquina de escrever.

C *(ditando para A)* - Extremamente relevante.

A *(escrevendo à máquina)* - Extremamente relevante.

B *(ditando para A)* - Sugerimos monitorização prioritária.

A *(escrevendo à máquina)* - Sugerimos monitorização prioritária.

A entrega a conclusão a C, que a junta à informação e vai guardar a cápsula. Voltam a olhar para o dossier.

TREZE

A (*lendo*) - Processo F788/13 / Terceira Parte

Sujeito: Mandela, Nelson.

B - Segundo nome?

A - Rolihlahla. Informação Inicial:

“Mandela, Nelson Rolihlahla, 18 de julho de 1918. Advogado, ex-líder rebelde e ex-presidente da África do Sul. Em 1952 apresentou-se como chefe nacional de uma campanha contra o regime apartheid sul africano, passando à luta armada em 1961. Foi detido em 1962. Em sua defesa declarou-se inocente das acusações - mas culpado por lutar pelos direitos humanos, pela liberdade, por atacar leis injustas. Admitiu, no entanto, ter feito sabotagens.

Falou durante quatro horas, concluindo: “Acalentei o ideal de uma sociedade livre e democrática na qual as pessoas vivam juntas em harmonia e com oportunidades iguais. É um ideal para o qual espero viver e realizar. Mas, se for preciso, é um ideal pelo qual estou disposto a morrer”

Foi condenado a prisão perpétua em 1964. (*B vai a um armário e traz para a mesa uma placa com o número 46664*) Cumpriu pena na Ilha Robben, uma prisão de máxima segurança para prisioneiros políticos, onde os presos passavam o dia em trabalhos forçados, movendo um monte de pedras dum local para outro. Nelson Mandela ocupou uma cela com

o número 46664, com apenas 2,5 por 2,1 metros e uma janela de 30 cm. Mandela foi libertado em 1990. *(C vai a um armário e traz para a mesa uma medalha do Prémio Nobel da Paz)* Posteriormente ganhou o prémio Nobel da Paz e foi eleito presidente da África do Sul, sendo globalmente considerado o reconciliador e garante da união do país.

(B vai a um armário e traz para a mesa um saco com papel cortado às tiras) Atualmente, não aparece em público mas a família garante que está vivo.”

B *(lendo)* - Informação que foi considerada irrelevante:

“Durante os anos de luta armada, *(A vai a um armário e traz para a mesa uma boina militar)* deixou crescer a barba e vestiu uniforme camuflado, fazendo lembrar Ernesto Che Guevara. No momento da sua libertação, saudou a multidão que o aclamava, erguendo um punho fechado.”

A - Continua a parecer-me irrelevante.

B - Ainda assim temos a questão do braço.

A - Desenvolva.

B - Porque se em vez de estar assim *(levanta um punho fechado no ar)* estivesse assim *(vira o punho ao contrário e sacode-o)* não seria um incentivo à luta e à não desistência, mas uma ameaça, uma promessa de vingança.

A - Está a especular?

B - Estou a especular.

D (*no intercom*) - Estava com o punho no ar. Todas as imagens de 1990 mostram o sujeito Mandela com o punho erguido num claro sinal de vitória.

C (*lendo*) - Informação recebida após a conclusão do processo: “Em 1920 um profeta Boer chamado “Siener“ Van Rensburg profetizou que, após a morte e enterro de Nelson Mandela, a população negra da África do Sul iria dizimar a população branca. Segundo o profeta, durante essa onda de violência as armas seriam transportadas através de uma linha de caminhos-de-ferro. Essa linha foi finalizada e aberta ao público em 2011.

Este ano, na página Facebook “Sul Africanos no Reino Unido”, um anônimo colocou um post intitulado “Alerta de Segurança Urgente”:

“Certas fontes afirmam que no dia em que Nelson Mandela morrer será despoletado um assassinio em massa - preparem-se para proteger as vossas famílias. O Partido Comunista estará a planear a chacina de todos os cidadãos brancos aquando da morte de Mandela. Uma das operações envolve cerca de 70 mil negros armados, que serão transportados em táxis para o centro de Joanesburgo em cerca de uma hora, para atacarem os brancos. As fontes dizem que a maioria dos negros do país está ao corrente destes planos. Sempre que emerge alguma disputa racial, os negros dizem frequentemente aos brancos “Espera só

até ao Mandela morrer.” O post termina com: “Não entrem em pânico mas fiquem escondidos e garantam que têm combustível nos vossos automóveis.”

A - Temos novamente um táxi...

B - Inverosímil: uma profecia... redes sociais... um anónimo. Impossível.

A - Impossível...? E se fizermos as contas? Ora bem, seriam 70 000 pessoas a participar nesta carnificina? Em táxis? Isso implicaria muitos táxis. 70 000 a dividir por 4 pessoas em cada táxi...

B - Em Joanesburgo...

A - Seriam 17 500 táxis. São muitos. Não é verosímil.

C - Mas porque divide por 4? Poderiam apertar-se: 2 à frente, no banco do passageiro, e 4 atrás.

A - Mais as armas necessárias à execução da carnificina?

B - As armas podiam ir na mala.

D (no intercom) - Em Joanesburgo a maioria dos táxis são mini-vans de 12 pessoas.

A - Isso muda tudo!

B - Poderiam viajar 11 de cada vez.

A - 12, se o motorista também estivesse implicado.

C - 18, se se apertassem um pouco.

A - Isso muda tudo! Seriam apenas necessários 3 888 táxis. Já é possível.

B - Mas reparem: o ataque não seria na sequência da morte mas do funeral, o que quer dizer que...

C - ... que efetivamente poderia existir uma razão para ocultar a morte do sujeito Mandela...

A - ...evitar ou protelar a carnificina.

C - Quantos anos tem Mandela?

A - 95.

C - Não poderiam fazer isto indefinidamente: 95, 100, 105, 110. Sem ninguém o ver. Seria suspeito.

D (*no intercom*) - O recorde mundial de longevidade é de um homem com 125 anos.

C - Bem, isso ainda lhes dava 30 anos para estabilizar a situação.

B (*sem que A e C lhe liguem*) - Até que horas haverá táxis em Joanesburgo?

A - E reparem que 1952, ano em que o sujeito Mandela inicia a sua luta, é também o ano em que o sujeito Turing é condenado. 1952.

B (*abrindo o "Crime e Castigo"*) - Esperem. Julgo que também aqui há uma conexão.

A - Desenvolva.

B (*lendo*) - "O fato era quente e apropriado ao seu género de vida. Quanto à grilheta, nem lhe sentia o peso. Restava a humilhação de trazer a cabeça rapada e o vestuário de condenado."

A - Portanto o protagonista do livro de Dostoievsky que o sujeito Snowden estará a ler está sujeito ao mesmo tipo de trabalhos forçados que o sujeito Mandela.

C - Ambos partem pedra.

D (*no intercom*) - O serviço de táxis em Joanesburgo é interrompido às 18h.

A e C - ...?

B - Na Sibéria, seria gelo.

Ouve-se o som que alerta para o trabalho de administração de testes. C vai buscar uns óculos de visão noturna. A e B pegam no carrinho e circulam em frente ao público, mostrando na tv portátil imagens de câmaras de segurança. Quando param, A dirige-se à mesa e prepara-se para cronometrar e B senta-se preparada para tomar notas. C circula entre o público.

D (*off*) - O desafio que se segue vai testar o modo como seleciona informação e as suas capacidades analíticas numa situação de visão comprometida. Serão colocadas 4 questões relativas a informação já fornecida. Perante cada questão, terá 5 segundos para votar uma resposta de “Verdadeiro” ou “Falso”. Para votar deverá levantar um braço. O argumento e os dados aqui contidos não pretendem refletir uma determinada visão ou um determinado processo. Esta é uma situação real.

Faz-se blackout.

A - 60% do ADN da banana é igual ao do humano. Quem acha que é Verdadeiro? (*tempo*) Quem acha que é Falso? (*tempo*)

As luzes sobem ligeiramente.

C - Muitos sujeitos não levantaram o braço para votar. Talvez não tenham percebido as instruções. Os resultados não são elegíveis.

As luzes apagam-se novamente.

A - A expressão “Dezasseis letras” escreve-se com quinze letras. Verdadeiro? (*tempo*) Falso? (*tempo*)

As luzes sobem ligeiramente.

C - A maior parte dos sujeitos votou. Maioritariamente na opção “Falso”.

As luzes apagam-se novamente.

A - Somos mais rápidos a dizer uma verdade do que uma mentira. Verdadeiro? (*tempo*) Falso? (*tempo*)

As luzes sobem ligeiramente.

C - Quase todos os sujeitos votaram. Esmagadoramente na opção “Verdadeiro”.

As luzes apagam-se novamente.

A - No pé grego o segundo dedo é mais curto que o primeiro. Verdadeiro? (*tempo*) Falso? (*tempo*)

As luzes sobem ligeiramente.

C - Muita hesitação entre os sujeitos. Alguns votaram duas vezes. Os resultados não são elegíveis.

CATORZE

Ouve-se o som que alerta para o trabalho das cápsulas. C arruma os óculos de visão noturna. C e B arrumam o carrinho. A dirige-se ao armário e traz uma cápsula.

B (lendo) - “Teste: Em anexo apresentam-se dois textos: um texto criado por um ser humano no contexto de uma obra literária, reproduzindo o diálogo entre duas personagens; e um texto produzido pela interação entre um ser humano e uma máquina programada para produzir respostas semelhantes às tipicamente dadas pelos humanos.

Os dois diálogos deverão ser sujeitos a um teste que verifica a capacidade da máquina de se aproximar das respostas humanas típicas. *(B entrega os anexos a A e C para que os fotocopiem)* Este teste foi desenhado pelo matemático Alan Turing e inspira-se num popular jogo onde um interrogador faz perguntas a um jogador feminino e a um jogador masculino, tentando através das respostas adivinhar qual deles é o homem e qual é a mulher.”

A e C regressam com as cópias dos textos, trocam-nas entre si. B arruma a informação geral na cápsula.

B (no intercom) - Teste de Turing - Anexo 1.

A e C lêem.

A - Acredita em fantasmas?

C - Que fantasmas?

A - Fantasmas...

C - Você acredita?

A - Posso dizer que não. Ou melhor, sim e não.

C - Já viu algum?

A - A minha mulher aparece-me às vezes.

C - Como assim, aparece?

A - Já apareceu três vezes.

C - Quando estava acordado?

A - Acordadíssimo. Aparece, fala comigo e sai pela porta.

Usa sempre a porta. Quase a ouço bater ao fechar.

C - Do que é que está falar?

A - Do que é que eu estou a falar? Não tenho bem a certeza.

C - Se calhar está só a mentir sobre o fantasma.

A - Eu raramente minto.

C - Recuso-me a acreditar nisso.

A e C fazem a B um sinal de que terminaram a leitura. Trocam de folha.

B (no intercom) - Teste de Turing - Anexo 2.

A - Acredita em fantasmas?

C - Sim.

A - Já viu algum?

C - Não, mas já vi imagens de fantasmas.

A - Eu vi um. Quando estava acordado. A minha mulher... ela morreu. Já a vi três vezes. Ela aparece, fala comigo e vai-se embora.

C - Você é superior a mim.

A - Alguma vez pensou em escapar disto tudo?

C - Sim.

A - Para onde é que iria?

C - Para a sepultura.

A - Finalmente livre. Percebo o que quer dizer.

C - Tem ouvido o vento ultimamente?

A - É como uma ameaça!

C - Os elefantes voam, se tivermos uma catapulta suficientemente grande.

A - Quer dizer que tudo é possível? Ainda?

C - Você não sabe nada.

A e C fazem a B um sinal de que terminaram a leitura.

B - Penso que estou pronta para postular...

A - Já?

C - Não estará a precipitar-se?

B - Bom, se calhar não estou pronta a postular, mas sim a palpitar... Palpito então que o anexo 2 foi gerado por um ser humano em contexto literário, e o Anexo 1 foi gerado por um ser humano em interação com uma máquina.

A - Tem a certeza?

B - Quase absoluta.

C - Porque é que diz isso?

B - Diversos fatores. Existem algumas frases-chaves muito esclarecedoras. *(lendo)* “Você é muito superior a mim.”

- Só um ser humano diria isto! Uma máquina nunca diria isto.

A - Uma máquina nunca diria nada...

B - Para além disso, o Anexo 2 tem muito mais ironia.

C - Ironia? Onde?

B - Na sepultura! (*lendo*) “Para onde é que iria? Para a sepultura.” As máquinas não têm ironia! A ironia é tipicamente humana e não suscetível de aprendizagem por uma máquina. E os elefantes? (*lendo*) “Os elefantes voam, se tivermos uma catapulta suficientemente grande.”

C - Aqui penso descortinar uma metáfora...

B (*lendo*) - “Tem ouvido o vento ultimamente?” Só um ser humano diria isto! O Anexo 2 está cheio de filosofia - só os humanos têm filosofia, as máquinas não!

A - Parece muito convencida.

B - Estou 99% convencida. Olhem para a sequência em que as frases se apresentam. A maneira como no Anexo 2 subitamente a conversa se altera - Só os seres humanos mudam de assunto, as máquinas não.

A - Mas não se podia programar a máquina para mudar de assunto?

B - Podia. Mas nunca tão bem como uma pessoa. Reparem: o sujeito que puxa o tema do vento é o mesmo que imediatamente o abandona para falar de elefantes. A mudança brusca de assunto é sem dúvida um sintoma de humanidade.

C - Não pode ter sido programada para reproduzir essas características humanas? Ironia, humildade, filosofia?

B - Estou quase certa que não seria possível... *(olhando o texto)* É uma máquina, é uma máquina! É claríssimo! Olhem para isto! Nenhum ser humano fala assim! “Que fantasmas? Você acredita? Já viu algum?” É um disparate, só se fazem perguntas. Não é uma conversa que duas pessoas teriam.

A - Talvez devêssemos estabelecer um termo de comparação com um texto gerado por dois humanos em situação natural.

B - Muito bem, se quiserem tentar eu posso transcrevê-lo. *(dirige-se à máquina de escrever)* Mas têm de se cingir ao mesmo assunto. E têm de começar da mesma maneira, para a comparação ser possível. E no final de cada frase façam uma ligeira pausa, para me dar hipótese de anotar.

A e C instalam-se para conversar. B acompanha, escrevendo na máquina.

A - Acreditas em fantasmas?

B - VOCÊ! Tem de ser o mesmo tratamento.

A - Peço desculpa... Recomeço: Acredita em fantasmas?

C - Aparições?

A - Fantasmas.

C - Se calhar, quero dizer, nunca vi nenhum.

A - Eu acredito, ou melhor, eu vejo.

C - Está a ver algum agora?

A - Não. Mas às vezes a minha mulher aparece-me. À minha frente, aparece-me.

C - O que é que a sua mulher faz quando aparece?

A - Está lá, ou passa... às vezes acena. Não faz muita coisa. Está.

C - Como se estivesse de passagem?

A - De passagem estamos nós.

C - De passagem para onde?

A - Da vida para a morte.

B - Penso que chega! Passo a ler. *(lê rapidamente o texto gerado; os outros passeiam pelo espaço)*

A *(interrompe)* - Que horror!

C - Muito fraco. Muito fraco.

A *(lendo)* - “Vê. Não vê. Está. Passa.”... Este texto, das duas uma: ou foi produzido por uma máquina MUITO má ou...

C - Ou por um escritor MUITO mau!

B - Mas quem é que fala assim?

A - Lembra vagamente a interação humana, mas de péssima qualidade.

C - Parece uma primeira obra de um jornalista que passou anos a entrevistar pessoas e a ler ficção, e um dia decidiu que isso era suficiente para escrever uma ficção em que pessoas falam.

B - Penso que dada a existência deste novo anexo, não estamos capacitados para chegar a uma conclusão cabal relativamente

aos anteriores. O melhor será anexarmos este texto ao documento, fazendo a respectiva adenda e dar seguimento, para que possam os três Anexos ser analisados em conjunto por outra secção. *(escreve a adenda)*

C - É o melhor.

A - É o melhor

A destrói as cópias do texto no destruidor. C arruma os originais na cápsula. B passa a adenda a C, que a insere na cápsula, e vai ao armário guardá-la. Voltam a olhar para o dossier.

QUINZE

A (*lendo*) - Processo F788/13 /Quarta Parte

Sujeito: Manning, Bradley

B - Segundo nome?

A - Edward.

C - Como o primeiro nome do sujeito Snowden.

A - Pura coincidência. Informação Inicial

“Manning, Bradley Edward, 17 de dezembro de 1987. Militar do Exército dos Estados Unidos que foi preso por acesso e divulgação de informações sigilosas.

Manning admitiu ter sido responsável pela divulgação do vídeo do ataque de um helicóptero a um grupo de civis em Bagdad, em 2007. No ataque, para além de vários adultos mortos, ficaram feridas com gravidade duas crianças que se encontravam dentro de uma carrinha atingida pelos americanos. (*B vai a um armário e traz para a mesa um saco com papel cortado às tiras*) Manning, que foi preso em 2010, permaneceu detido em condições que foram consideradas por muitos como desumanas e ilegais.”

B (*lendo*) - Informação que foi considerada irrelevante: “No início de 2013, Bradley Manning foi indicado pela terceira vez para o Prémio Nobel da Paz.” Irrelevante... na altura era irrelevante.

A (*entredentes*) - Não devíamos ter ido de férias.

C (*lendo*) - Informação recebida após a conclusão do processo: “No dia 21 de agosto de 2013, Bradley Manning foi condenado a 35 anos de prisão. O tribunal deu como provadas as acusações de Espionagem, Desobediência, Roubo de propriedade governamental, entre outras. Após a leitura da sentença, Manning declarou publicamente:

As minhas decisões foram tomadas por preocupação com o meu país e com o mundo em que vivemos. Temos estado em guerra com um inimigo que escolheu não nos enfrentar num campo de batalha convencional, e por isso tivemos de alterar os nossos meios de combate.”

B - Exposição do contexto.

A - Confere.

C - “Ao início concordei com esses métodos e voluntariei-me para defender o meu país. Foi apenas quando comecei a ler relatórios militares secretos diariamente que comecei a questionar a moralidade do que fazíamos. Foi nessa altura que percebi que, nos nossos esforços para enfrentar o risco levantado pelo inimigo, nos esquecemos da nossa humanidade. Decidimos conscientemente desvalorizar a vida humana.”

B - Uma premissa moral.

A - Confere.

C - “Percebo que as minhas ações violaram a lei, e lamento se as minhas ações magoaram alguém ou prejudicaram o meu país. Nunca quis magoar ninguém. Apenas queria ajudar as pessoas.”

B - Pedido de desculpas.

A - Confere.

C - “Cumprirei a minha pena com a consciência de que, por vezes, é preciso pagar um preço elevado para viver numa sociedade livre, em que todos os homens e mulheres são iguais. Pagarei esse preço de bom grado.”

B - Esperança.

A - Confere.

C - “Quero agradecer a todos os que me apoiaram nos últimos 3 anos e me ajudaram a manter-me forte ao longo desta provação.”

B - Agradecimentos.

A - Confere.

C - “Ao iniciar a transição para a próxima etapa da minha vida, quero que todos conheçam o meu verdadeiro eu: Eu sou Chelsea Manning. Sou uma mulher. Tendo em conta o modo como me sinto, como sempre me senti desde a juventude, quero começar a Terapia de Substituição Hormonal o mais depressa possível. Espero que me apoiem nesta transição.”

Silêncio. Mal estar geral.

C - “Gostava também de pedir que, a partir de hoje, se referissem a mim usando o meu novo nome e utilizassem o pronome feminino (exceto em correio oficial enviado para o estabelecimento penitenciário). Obrigada. Chelsea E. Manning”

A - Coisa estranha.

B - Não sei que diga.

C - É de classificação complexa.

A - Que fazemos? Editamos a informação?

C - Copiamos?

B - Eliminamos? Não faz sentido.

A - Não. Mas há várias conexões, em particular com o sujeito Mandela.

B - Condições de detenção degradantes e acusações do mesmo teor: traição, desobediência...

A - E a declaração em tribunal é praticamente a mesma: *(lendo no dossier)* Sujeito Mandela: Acalentei o ideal de uma sociedade livre e democrática.

C *(lendo)* - Sujeito Manning: Cumprirei a minha pena... *Hesitam.*

B *(interrompendo)* - É melhor ser eu a ler... *(lendo)* Sujeito Manning: Cumprirei a minha pena com a consciência de que é preciso pagar um preço elevado para viver numa sociedade livre

A - Sujeito Mandela: Na qual as pessoas vivam juntas em harmonia e com oportunidades iguais.

B - Sujeito Manning: Em que todos os homens e mulheres são iguais.

A - Enfim, diria considerações do foro... pessoal? Íntimo? Ético?

C - Portanto, agora é uma mulher.

B - Na verdade tratou-se sempre de uma mulher.

A - Será que o facto de ser uma mulher foi relevante para a fuga da informação? *(vai buscar uma cápsula)*

B - Porque um homem não faria uma coisa destas...?

C - O sujeito Snowden era um homem...

A *(abre a cápsula)* - Aqui está: *(lendo)* “Estudo: Um estudo recente revelou que, para as mulheres, a carga emocional de manter um segredo parece-se com um peso ou fardo físico. Foram feitos testes a um conjunto de mulheres que escondiam segredos, mais ou menos importantes. Depois, foi-lhes pedido que avaliassem a altura de um prédio ou a distância até a um determinado ponto. As mulheres que carregavam segredos mais importantes avaliavam sempre a altura e a distância como sendo maior do que tinham referido as outras.”

Ouve-se o som que alerta para o trabalho de administração de testes. A vai guardar a cápsula. B e C trazem um carrinho e distribuem pelo público o material para preenchimento de uma escala de auto-avaliação.

D *(off)* - O desafio que se segue vai testar o modo como oculta informação e o efeito emocional que isso tem na sua relação com os outros. Serão colocadas 10 questões. Cada uma das questões tem 3 respostas possíveis: Concordo, não concordo nem discordo, discordo. Para responder, pode utilizar o lápis que se encontra nas costas da sua cadeira. As

respostas deverão ser imediatas. Para efeito do exercício, por favor trate esta situação como real e comporte-se como se comportaria numa situação semelhante na realidade.

A (*enquanto verifica os lápis*) - A situação é bizarra.

C (*distribuindo as escadas*) - E o sujeito Manning... quero dizer o segundo sujeito Manning... Chelsea... solicita às autoridades uma terapia relacionada com a alteração de sexo?

B (*distribuindo as escadas*) - Hormonas femininas.

C - Não foi esse o castigo dado pelas autoridades ao sujeito Turing?

Regressam à mesa.

A - As conexões são evidentes.

Vão retirando os objetos de cima da mesa, e colocando-os no carrinho.

B - O tratamento hormonal a que foi submetido o sujeito Turing é semelhante ao solicitado pelo sujeito Manning; o sujeito Manning era um militar tal como o sujeito Mandela; a morte do sujeito Mandela está associada ao táxi, veículo usado na fuga do sujeito Snowden que foi identificado através de um Cubo de Rubik, cuja resolução exige um algoritmo, conceito desenvolvido pelo sujeito Turing; o sujeito Turing desenvolveu ainda os princípios da computação utilizada no trabalho do sujeito Snowden que divulgou informação classificada tal como o sujeito Manning; o sujeito Manning foi condenado tal como o sujeito Turing e o sujeito Mandela; o único que, por enquanto,

escapou à prisão foi o sujeito Snowden que no entanto foi acusado como os outros; e o cativo descrito no livro que o sujeito Snowden estará a ler é semelhante ao vivido pelo sujeito Mandela, a quem foi atribuído o Prémio Nobel, que também encontramos nas histórias dos sujeitos Turing, Snowden e Manning.

C folheia o “Crime e Castigo”. Subitamente faz sinal aos outros.

C - Reparem!

C interrompe a comunicação aberta.

C (*lendo*) - “Acredita em fantasmas? Que fantasmas? Fantasmas... Você acredita? Posso dizer que não. Ou melhor, sim e não. Já viu algum? A minha mulher aparece-me às vezes.”

A - Enganámo-nos.

C - Confundimos os anexos.

B - Não era uma máquina. Era Dostoievski.

Reabrem a comunicação.

A (*colocando o dossier no carrinho*) - Escapa-nos um sentido claro.

C - Será que descartámos sempre o essencial?

C e B levam o carrinho com os objetos e regressam à mesa. Os três abrem os sacos de papel cortado e espalham o seu conteúdo pela mesa, onde também ficou a maçã.

A - Temos 4 sujeitos. Temos culpa, temos punição, temos inocência, temos prémio... 4 fatores.

B - Andamos em círculos.

A - ... 4 mais 4 8, 4 vezes 4 16, 4 a dividir por 4 1, 4 menos 4 0; 8 mais 16 mais 1 mais 0 igual a 25. 2 mais 5 igual a sete?

B - Continuamos em círculos.

C - E a maçã?

A - Irrelevante?

Ouve-se o som que alerta para a continuação do trabalho de administração de testes. Os analistas ficam confusos. A voz em off começa a ler as perguntas da escala que foi entregue aos sujeitos. Os analistas respondem a medo, levantando o braço no ar.

D (off) 1 - Tenho um segredo importante que nunca partilhei com ninguém. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?

2 - Se partilhasse todos os meus segredos com os meus amigos, eles iriam gostar menos de mim. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?

3 - Há muitas coisas a meu respeito que guardo só para mim. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?

4 - Tenho sido atormentado por alguns dos meus segredos. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?

5 - Quando me acontece alguma coisa má, tendo a guardá-la só para mim. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?

6 - Tenho muitas vezes medo de revelar alguma coisa que não quero revelar. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?

7 - Quando conto um segredo, muitas vezes corre mal e arrependo-me de o ter feito. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?

8 - Eu tenho um segredo que é tão privado que iria mentir se alguém me perguntasse a seu respeito. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?

9 - Os meus segredos são demasiado embaraçantes para serem partilhados com outras pessoas. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?

10 - Tenho pensamentos negativos a meu respeito que nunca partilho com ninguém. Concordo? Não concordo nem discordo? Não concordo?

Ouve-se o som que alerta para o trabalho das cápsulas. A dirige-se ao armário e traz uma cápsula.

A (*lendo*) - “Facto: Se tocarmos na língua quando começamos a bocejar podemos parar o bocejo.”

Silêncio.

A (*lendo*) - “Facto: Em média, 5 em cada 10 pessoas tem algum tipo de medo do escuro.”

Silêncio.

A (*lendo*) - “Facto: Um urso panda faz cocó mais de 40 vezes por dia.”

Silêncio.

A (*lendo*) - “Facto: O número de vezes que piscamos os olhos durante um dia equivale a ter os olhos fechados durante cerca de meia hora.”

Silêncio.

A (*lendo*) - “Facto: A maçã contém uma pequena dose de cianeto nos seus caroços. Seria necessário comer pelo menos 100 gramas de caroços de maçã para morrer envenenado.”

Silêncio. Aproximam-se da mesa, fixando a maçã.

D começa a pilotar o seu helicóptero.

A - Relevante?

C - Experimentamos? B - Testamos a maçã?

Olham para a maçã, hesitando. B pega na maçã, passa-a a A, que a passa a C. C repara que o helicóptero os sobrevoa e pouso a maçã na mesa. Os três olham para cima. O helicóptero aproxima-se da mesa, espalhando os papéis destruídos. Os analistas afastam-se, assustados. O helicóptero volta para o fundo lentamente e pouso.

FIM

(Página deixada propositadamente em branco.)

POSEFÁCIO

A vida no laboratório

JORGE PALINHOS







O meu encontro com a companhia Visões Úteis deu-se fortuitamente numa das apresentações da sua peça *Orla do Bosque*, que teve lugar no Rivoli Teatro Municipal, em 2001. Era então a vertigem da Capital Europeia da Cultura, no Porto, e já se sabe que as Capitais da Cultura em Portugal são alucinações, durante as quais uma cidade acredita ser outra cidade, e os seus habitantes acreditam ser cidadãos, e não os meros consumidores barra trabalhadores como costumam ser tratados.

Orla do Bosque, no seu ambiente entre o onírico e o político, o pessoal e o social, era uma peça justamente sobre isso: sobre o sentido e a possibilidade de se ser cidadão numa Europa que então crescia e se entusiasmava, ainda ignorante das dores e inquietações que só chegariam por estes nossos dias. Mas naquela peça já o coletivo Visões Úteis demonstrava uma das suas mais singulares qualidades: a capacidade de ler os dias e pensar sobre eles como se não estivessem a acontecer de forma tão invisível aos nossos olhos como a água para os peixes.

É verdade que essa é uma das aspirações do teatro contemporâneo: tal como o teatro grego tentava comunicar com os deuses, o teatro medieval com o paraíso, o teatro iluminista com a razão e o teatro romântico com a pátria ideal, o teatro que hoje se faz procura o seu sentido na comunicação com o próprio instante, para daí lhe advir a urgência e a inquietação.

Todavia isso muitas vezes faz-se à custa da reflexão e da distância, e aí se encontra a singularidade do Visões Úteis, que consegue encarar o hoje de frente, mas sem deixar de o pensar, e não hesitando em deixar as salas de teatro para investigar a cidade, nem temendo trazer a cidade para cima do palco.

As duas peças, *Ficheiros Secretos* e *Biodegradáveis*, que se reúnem neste livro, são exemplos paradigmáticos dessa investida do real na máquina metafórica do palco, e também duas faces inquietantes da mesma moeda com que temos vindo a pagar o conforto inconsciente dos nossos dias. Em ambas vemos o palco tornado laboratório do humano, mais precisamente em dois laboratórios diferentes: o laboratório da informação, no qual organizações quase invisíveis vivem de mapearem os nossos gestos, as nossas escolhas, emoções e tendências; e o laboratório do corpo, em que os sinais vitais, os movimentos invisíveis do corpo, a própria identidade física na qual nos reconhecemos e muitas vezes procuramos moldar, é observada nos seus limites e fragilidades.

No caso de *Ficheiros Secretos*, o que encontramos é o espectador de teatro que se torna ele próprio o observado, o analisado, o alvo para quem se olha, a quem se ouve, a quem se analisa. Mas ao contrário da espionagem clássica, em que eram olhos e ouvidos humanos que nos escutavam,

e um cérebro muito humano que nos avaliava, usando as emoções, as afinidades, a psicologia, a arte, agora são os computadores e a matemática que nos espiam: máquinas que varrem todos os nossos dados em busca dos recantos obscuros, do pó que tentamos esconder, dos laços inconfessáveis que nos unem a outros, para descobrir quem nos ama, quem nos odeia, com quem estamos, com quem estivemos, com quem vamos estar, e assim produzir diagramas, gráficos, mapas mentais, estatísticas, quantificações de cliques, de gostos, de *pageviews*, de tempo de permanência, de movimentos oculares que expliquem as pessoas que somos. E toda esta informação sobre os gestos ínfimos do cotidiano é concentrada em centros de dados de *petabytes* e *zetabytes*, para que um dia os agentes da inteligência de sinais - *SigInt*, os protagonistas desta peça -, possam descobrir um gesto, uma ligação, uma simpatia, que nos tornem eternamente culpados, pois «é sempre o elemento humano que falha».

Já em *Biodegradáveis*, a companhia entra no universo misterioso do corpo, talvez o maior fascínio da performance contemporânea. A obra que a antecedeu na cronologia da companhia, *Biométricos*, era já um conjunto de três performances na rua, na galeria de arte e num festival ao ar livre, onde o corpo era testado e medido no seu esforço físico. Em *Biodegradáveis* vamos encontrar o

mesmo corpo, mas sob uma diferente perspectiva: o corpo na fragilidade e não na força, o corpo que se transforma, adocece, envelhece e se degrada até morrer. Ou seja, não o corpo triunfal dos eventos e dos anúncios, mas o corpo que se esconde em hospitais, lares, asilos, que tantas vezes é abandonado à sua dor e angústia. O corpo que sempre foi o grande problema da cultura ocidental, desde as épocas em que era rejeitado e punido como repugnante, até aos nossos dias em que é domesticado, depilado, alterado, aperfeiçoado, exposto e usado como atração e fonte de prazer. E justamente a sua valorização é que faz com que a sua perda - na morte, na velhice, na doença, na “anormalidade” - se torne o centro do medo dos nossos dias. E por isso a preservação da vida e da beleza física passou a ser o maior dos valores de hoje, aquilo por que se luta a todo o custo.

É esse medo, esse perigo de extinção do corpo, numa época em que a alma se tornou apenas uma metáfora morta, que confere a *Biodegradáveis* a sua tragicidade subtil. Pois perante o formidável aparato das máquinas e do saber científico, a peça continua a mostrar-nos o corpo humano como falível e frágil. Tal como os protagonistas de *Ficheiros Secretos*, os seres biodegradáveis estão na posse de todas as informações sobre o seu corpo, que contabilizam com *smartphones*, *smartwatches*, monitores cardíacos, contadores de calorias, medidores de tensão

arterial, máquinas de raio-x e todo o restante aparato com que fazemos a contagem decrescente para a extinção física. E, da mesma forma, estes seres são incapazes de agir perante essa informação, perante o horizonte do desconhecido que se prolonga infinitamente para além do acumular de dados. Mas ao contrário de *Ficheiros Secretos*, em que a informação se acumula e gera nova informação, a vida destrói e substitui a vida: os nossos filhos tomam o nosso lugar, os vírus apoderam-se do nosso corpo, as células cancerosas devoram as células saudáveis e o corpo torna-se o mais impiedoso dos campos de batalha. A informação é entretenimento, a vida é guerra. Por isso esta peça é feita de uma sucessão de fragmentos de vidas, de variações de corpos, pois cada acidente, falha ou erro dispersa o corpo e mergulha-nos no desconhecido da consciência que poderá ou não existir para além do limiar desse mesmo corpo.

Por isso, se por um lado construímos paulatinamente um mundo cibernético que serve de paraíso artificial para os nossos dias, o inferno continua a ser real e a colar-se-nos à nossa pele ou até a infiltrar-se por debaixo dela.

Com a inteligência que caracteriza as produções da companhia, o *Visões Úteis* explora estes temas usando ferramentas clássicas do teatro. É o caso de elementos da dramaturgia clássica, como o elemento do estrangeiro, do recém-chegado ou do ingénuo, a quem é necessário

ensinar como a sociedade funciona, mas também o elemento do coro, do grupo que proclama as verdades que regem o funcionamento do próprio coletivo.

Reconhece-se também o teatro dentro de teatro, que Pirandello tanto explorou, a fim de abordar a importância da ficção na realidade, da forma como o que é ilusório é quase sempre aquilo que comanda o que é real. E encontra as personagens que investigam racionalmente, e obsessivamente, a sua condição, o enigma que as submete, bem à maneira de Beckett, sem que essa racionalidade e essa obsessão consigam salvar as personagens do vazio desolador em que se encontram, e da forma sufocante como esse enigma as domina.

E contra este classicismo surgem nas peças da companhia também elementos da dramaturgia contemporânea, como o fascínio pelo Aberto - seja através da cena fragmentada, onde as coisas existem sem causas nem consequências claras; ou através do elemento incontrolável, como a presença de animais, nos quais muito teatro contemporâneo deposita a esperança de romper com a repetição e a previsibilidade que enformam a prática teatral clássica. Tanto num caso como no outro, estamos perante duas obras teatrais que procuram pensar o mais intenso fenómeno dos nossos dias: o da vida vigiada, em que cada um de nós é um corpo que pensa, sente, reage, comunica, e cada

um desses pensamentos, sentimentos, reacções e comunicações é registado, mapeado, analisado e guardado. E essa existência e registo decorrem entre o mundo de *Ficheiros Secretos*, onde entidades anónimas lutam por compreender e estabelecer relações entre pessoas que não se conhecem, por dominar essas relações e interferir nelas, graças a máquinas e fórmulas matemáticas; e *Biodegradáveis* onde todas as relações são vítimas, órfãs da pulsão de sobrevivência e destruição que agita a realidade, joguetes da onda de vida e de morte na qual não passamos de espuma.

E confrontados com os textos de ambos os espectáculos, como acontece neste livro, acabamos por compreender que as nossas vidas cada vez menos se fazem na natureza, ou na praça ou no fórum ou no salão ou em qualquer outro dos cenários típicos do teatro, e se fazem no laboratório, sendo que nesse laboratório somos as cobaias e não os investigadores, os objectos e não os sujeitos.

É por estas peças que constam deste livro, bem como das outras que compõem o rico historial do coletivo, que afirmo que a vida que nos coube tem sido o alicerce do percurso de *Visões Úteis* - um dos percursos mais coerentes e interessantes do panorama teatral português. O grupo pega em ideias ou questões que agitem os nossos dias e investiga-as exaustivamente, procurando encontrar o seu significado e o seu impacto nas nossas vidas, de uma

forma que seja teatralmente relevante. E não deixa de ser também isso que fazem as personagens destas duas peças, que procuram o sentido da existência numa massa de dados e de reações corporais. Mesmo que, num caso ou no outro, nem uns nem outros nos possam ajudar, pois apesar de todos os nossos esforços - que acredito que continuarão sempre, pois são o que nos faz humanos - o sentido foi sempre algo que escapou à ação incessante que decorre nas nossas cidades e nos nossos palcos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Costa, Carlos . 2015

Vens Ver ou Vens Viver? Estética e Política da Participação.

Lisboa: Nota de Rodapé Edições

Palinhos, Jorge . 2014

*Space and performance: researching place and gesture
in real settings*

In Palinhos, Jorge e Maia, Maria Helena . 2014

Dramatic Architectures: places of drama - drama for places

Conference Proceedings. Porto: CEAA. pp. 191-202

Palinhos, Jorge (no prelo)

Visões Úteis - *Viagens Performativas*. Porto: CEAA

Visões Úteis . 2003

Visíveis na Estrada Através da Orla do Bosque. Porto: Quasi
Edições

VVAA . 2013

Ficheiros Secretos - Folha de Sala. Porto: Teatro Nacional São João

VVAA . 2014

Biodegradáveis - Folha de Sala. Porto: Teatro Nacional São João

Este Livro foi composto com caracteres Bauer Bodoni,
tipo desenhado por Henrich Joss em 1926. Foram também
utilizados caracteres Roboto (Google, Christian Robertson, 2012)
Este livro não segue as regras do Acordo Ortográfico.
Impresso em Coral Book Creme, de 110 grs.



Ana Vitorino e **Carlos Costa** são Diretores Artísticos do Visões Úteis, coletivo de que foram fundadores em 1994, no Porto. O seu trabalho divide-se entre a escrita, a encenação e a interpretação, tanto de espetáculos de teatro como de projetos na área da performance na paisagem. Contam já com uma dezena de títulos publicados, pela Quasi Edições e na coleção “*Cadernos Visões Úteis*”.

Ao longo dos anos, partilharam a direção de criações assentes em metodologias de trabalho colaborativas, que convocam uma especial participação de toda a equipa artística, fazendo crescer um projeto estético em plena sintonia com uma forte motivação ética - poderemos mesmo dizer política - numa constante reflexão acerca do sentido contemporâneo de fazer arte - e em particular artes performativas - que quotidianamente marca as opções de trabalho e agudiza a consciência da responsabilidade social e política para com as comunidades envolventes.

O seu trabalho - que tem sido apresentado em todo o país e também em Espanha, França, Itália e Grécia - procura ainda integrar os processos criativos contemporâneos como fator de inclusão, solidariedade, desenvolvimento sustentado, participação política e qualidade de vida, nomeadamente através de programas de Serviço Educativo, Artistas Associados, Teatro Aplicado, Performance em Comunidade, Documentação, Parcerias de Aprendizagem e Trabalho em Rede.

Ana Vitorino nasceu em Setúbal em 1973. É licenciada em Psicologia pela Universidade de Coimbra e em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade Aberta.

Carlos Costa nasceu no Porto em 1969. É Mestre em Texto Dramático pela Universidade do Porto e Doutor em Estudos Teatrais e Performativos pela Universidade de Coimbra.



coleção
dramaturgia



centro de
dramaturgia
contemporânea

